

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

ANA PAULA XAVIER DA ROCHA

ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES NÃO
CRISTÃS NA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE BLISS

RIO DE JANEIRO
2015

ANA PAULA XAVIER DA ROCHA

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES
NÃO CRISTÃS NA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE BLISS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti
de Miranda

RIO DE JANEIRO
2015

R672 Rocha, Ana Paula Xavier da.

Organização e representação do conhecimento em religiões não cristãs na Classificação Bibliográfica de Bliss / Ana Paula Xavier da Rocha. – 2015.
65 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
Orientador: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda.
Bibliografia: f. 46-50.

1. Organização do conhecimento. 2. Religiões Não-Cristãs - Classificação. 3. Bibliographic Classification. I. Miranda, Marcos Luiz Cavalcanti de. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 025.4629

ANA PAULA XAVIER DA ROCHA

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES
NÃO CRISTÃS NA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE BLISS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: _____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Ludmila dos Santos Guimarães
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Ms. Tatiana de Almeida
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A DEUS, Pai, Filho e Espírito Santo, fonte da vida, do amor e da sabedoria.

A Maria Santíssima, minha Mãezinha que não me abandona nunca.

A meus pais, por me amarem imensamente e por sempre fazerem o possível e o impossível por mim.

A meus irmãos emprestados: Lucas Lunus, o irmão mais velho que sempre me diverte; e Pedro Luiz, meu irmão caçula, afilhado, ombro amigo e dirigente espiritual, que sempre acreditou no meu potencial, e que nunca me deixa sozinha, mesmo estando longe por causa do Seminário.

A todos os amigos que fiz durante a graduação, em especial minhas grandes amigas de turma, Milene Pereira e Isabelle Queiroz, companheiras de todos os trabalhos em grupo e de tantas outras aventuras.

Ao seminarista Emerson Manoel, por todas as orações e todas as palavras de carinho e incentivo ditas quando eu mais precisei.

Ao corpo docente da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, em especial: ao prof. Marcos Miranda, meu orientador, por toda paciência, atenção e troca de conhecimento; às prof^{as} Ludmila Guimarães e Tatiana de Almeida, que aceitaram de coração aberto fazer parte da banca; e aos prof^s Marília Amaral, Eduardo Alentejo, Naira Silveira, Brisa Pozzi, Gustavo Saldanha, Simone Weitzel, Lidiane Carvalho e Ricardo Bezerra, pelos ensinamentos e pelo apoio. São os profissionais nos quais vou me espelhar hoje e sempre.

Aos membros da atual gestão do Diretório Acadêmico: Victor, Eva, Laíza e Wallace, por sempre me atenderem e me ajudarem com questões relacionadas ao final da graduação.

A Helleno de Carvalho, cujas reflexões no Facebook acerca da presença de livros religiosos em bibliotecas públicas me inspiraram na escolha do tema. E a sua noiva Ingrid, que me presenteou com a honra de ser sua madrinha de batismo.

Enfim, agradeço a todos os familiares, amigos da igreja, da faculdade, dos estágios, do ballet, e dos tempos de escola, que me acompanharam e me incentivaram desde o vestibular até agora.

“Então compreendi que nada de melhor há para o ser humano do que alegrar-se com suas obras: esta é a sua parte. Pois quem o levará para informá-lo sobre o que vai acontecer depois?”

(Ecl 3, 22)

RESUMO

Este trabalho analisa a organização e representação do conhecimento em religiões não cristãs na 2ª edição da Bibliographic Classification, elaborada por Henry Evelyn Bliss. Apresenta uma abordagem genérica acerca da religião, suas características e as principais religiões não cristãs do mundo. Aborda a Organização e Representação do Conhecimento e descreve os principais esquemas de classificação bibliográfica universais, com destaque especial para a Bibliographic Classification e as contribuições de seu criador para a Biblioteconomia. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, utilizando o método descritivo. A análise da classe P, a classe do esquema referente a Religião, Ocultismo, Moral e Ética, revela que há desvios na classificação, visto que o esquema apresenta uma cobertura muito mais ampla e detalhada do Cristianismo do que das religiões não cristãs. Por fim, aponta possíveis causas para os desvios encontrados e sugere a realização de estudos mais profundos sobre o tema.

Palavras chave: Organização do Conhecimento. Representação do Conhecimento. Religiões não cristãs. Esquemas de classificação. Classificação Bibliográfica de Bliss.

ABSTRACT

This work analyzes the knowledge organization and representation in non-christian religions in the 2nd edition of the Bibliographic Classification, developed by Henry Evelyn Bliss. It presents a generic approach about religion, their characteristics and the main non-christian religions of the world. Addresses the Knowledge Organization and Representation and describes the principal universal bibliographic classification schemes, with particular emphasis on the Bibliographic Classification and contributions of its creator to the Librarian Science. The research is characterized as qualitative, using the descriptive method. The analysis of the P class, the class of the scheme referent to Religion, Occult, Moral and Ethics, reveals that there are biases in the classification, as the scheme provides a much broader and comprehensive coverage of Christianity than the non-christian religions. Finally, it points out possible causes for the biases found and suggests carrying out further study about the theme.

Keywords: Knowledge Organization. Knowledge Representation. Non-Christian Religions. Classification Schemes. Bliss Bibliographic Classification (BC2).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Classes principais da Bibliographic Classification 2.....	33
Quadro 2 – Classificação das religiões primais	39
Quadro 3 – Classificação das religiões africanas.....	39
Quadro 4 – Classificação do Judaísmo	39
Quadro 5 – Redirecionamento para a classificação do Islamismo.....	40
Quadro 6 – Classificação do Islamismo realocada	40
Quadro 7 – Classificação do Zoroastrismo	40
Quadro 8 – Classificação do Hinduísmo	41
Quadro 9 – Classificação do Budismo	42
Quadro 10 – Classificação do Jainismo	42
Quadro 11 – Classificação do Confucionismo.....	43
Quadro 12 – Classificação do Taoismo.....	43
Quadro 13 – Classificação do Xintoísmo.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. RELIGIÃO	12
2.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS	12
2.2. RELIGIÕES CRISTÃS X NÃO-CRISTÃS.....	13
2.2.1. As religiões primais	14
2.2.2. O Judaísmo.....	15
2.2.3. O Islamismo	15
2.2.4. O Zoroastrismo	15
2.2.5. O Hinduísmo	16
2.2.6. O Budismo	16
2.2.7. O Sikhismo	17
2.2.8. O Jainismo.....	17
2.2.9. O Confucionismo	18
2.2.10. O Taoismo	18
2.2.11. O Xintoísmo	19
2.2.12. Religião Popular Chinesa.....	19
2.3. O BIBLIOTECÁRIO FRENTE À DIVERSIDADE RELIGIOSA.....	20
3. ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO	22
3.1. ESQUEMAS DE CLASSIFICAÇÃO	23
3.1.1. Classificação Decimal de Dewey	24
3.1.2. Classificação Expansiva	24
3.1.3. Classificação da Biblioteca do Congresso.....	25
3.1.4. Classificação Decimal Universal.....	26
3.1.5. Classificação de Assuntos.....	27
3.1.6. Classificação dos Dois Pontos	27
3.2. A ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES	28
4. BLISS E A BIBLIOGRAPHIC CLASSIFICATION	30
4.1. HENRY EVELIN BLISS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CLASSIFICAÇÃO	30
4.2. A BIBLIOGRAPHIC CLASSIFICATION.....	32
4.2.1. Classe P – Religião, Ocultismo, Moral e Ética	35

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
6. ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	39
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46
ANEXO A – ESBOÇO DA CLASSE P	51
ANEXO B – CLASSIFICAÇÃO DO CRISTIANISMO.....	56

1. INTRODUÇÃO

Os esquemas de classificação são ferramentas essenciais para representar o conhecimento e auxiliar na busca e recuperação da informação. Diversos filósofos e teóricos se dedicaram ao desenvolvimento desses esquemas e ao estudo de sistemas de organização do conhecimento. Nomes importantes se destacam na área, como Brown, Dewey, Ranganathan, Otlet, La Fontaine e Bliss.

A representação do conhecimento por meio da síntese expressa pelas notações torna-a acessível a todo e qualquer usuário. No entanto, apesar de sua amplitude, eles não abrangem todo tipo de conhecimento produzido pelas diversas culturas existentes no mundo.

Alguns fatores influenciam na construção de um esquema de classificação, como o contexto histórico e cultural em que foi formulado. Especialmente no caso da classificação no âmbito das religiões, alguns problemas são identificados, como a cobertura maior de uma religião em relação a outras, dificuldades na interpretação de alguns conceitos, dependendo da cultura em que são aplicados.

A diversidade social, cultural e religiosa de um povo deve ser respeitada em todos os aspectos, inclusive nas práticas biblioteconômicas. Sobretudo no processo de globalização, responsável por derrubar muitas fronteiras, entre elas as fronteiras culturais, cria-se uma cadeia de conhecimento que é compartilhada pelo mundo todo através dos meios de comunicação. Nesse contexto, é imprescindível que haja um equilíbrio nas formas de representação e veiculação das diferentes culturas e religiões, a fim de disseminar a informação e superar preconceitos.

É dever do bibliotecário fornecer aos usuários todo tipo de informação que ele procura (como diz a 2ª Lei de Ranganathan, a cada leitor o seu livro). Esta prática torna-se mais fácil quando se tem em mãos um esquema de classificação que nos permita classificar todo, ou pelo menos, quase todo tipo de informação.

Este trabalho é fruto de nossa reflexão acerca dos desvios encontrados nos esquemas de classificação, especialmente no que tange as religiões não cristãs. Optamos por estudar a 2ª edição da Bibliographic Classification devido às importantes contribuições que Henry Evelyn Bliss, seu criador, trouxe para o campo da organização do conhecimento e dos sistemas e esquemas de classificação.

O objetivo geral deste estudo é analisar a organização e representação do conhecimento das religiões não cristãs na 2ª edição da Classificação Bibliográfica de Bliss, a BC2. Os objetivos específicos são:

- a) Verificar a organização e representação do conhecimento em religiões não cristãs na BC2
- b) Identificar possíveis desvios na organização e representação do conhecimento das religiões na BC2.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: as seções 2, 3 e 4 constituem o referencial teórico. A seção 2 aborda o conceito de religião, as características gerais comuns a todas as crenças e algumas das principais religiões não cristãs mundiais.

A seção 3 aborda a Organização e Representação do Conhecimento, citando alguns sistemas de organização do conhecimento e enfatizando os esquemas de classificação bibliográfica.

A seção 4 aborda a biografia de Bliss, suas contribuições para a Organização e Representação do conhecimento, e o objeto de estudo, a classe P da Bibliographic Classification.

Na seção 5, são descritas as metodologias empregadas: o tipo de pesquisa, os métodos e as etapas.

Na seção 6, os resultados da pesquisa são analisados e discutidos.

Na seção 7, tecemos algumas considerações acerca da pesquisa realizada e sugerimos alguns estudos futuros.

2. RELIGIÃO

Em certos momentos da vida, as pessoas se veem tomadas de dúvidas sobre sua própria existência, sobre o mistério da morte, ou sobre determinadas situações enfrentadas serem ou não obras de forças desconhecidas. De fato, como afirma Paula (2009), é natural do ser humano dedicar alguns minutos de atenção ao inexplicável. A religião constitui um dos muitos caminhos percorridos na busca por respostas a tais questionamentos, desempenhando um importante papel nas vidas de inúmeras pessoas no mundo. “A fé em Deus ou em deuses lhes dá um senso de propósito e significação. Crenças, doutrinas e textos sagrados lhes dão orientação moral. Líderes religiosos oferecem instrução e podem se tornar modelos” (WILKINSON, 2011, p. 10).

As religiões são tão diversas quanto as culturas existentes no mundo. Isso torna difícil definir religião, em especial porque ela envolve conceitos intangíveis, que variam entre as crenças, além de “questões como a junção do pensar ocidental e oriental, a busca por um elemento comum a todas as expressões religiosas, e a compreensão de sua origem” (PAULA, 2009, f. 14).

Geralmente define-se como religião universal as crenças (judaísmo, confucionismo, bramanismo, budismo, cristianismo, islamismo) cuja compreensão do mundo propõe uma ética na qual o indivíduo escolheria, com maior ou menor grau de autoconsciência, o caminho de sua “salvação” (ORTIZ, 2001, p. 60).

O momento em que surgiu a primeira ideia ou expressão religiosa ainda não foi determinado (PAULA, 2009). No entanto, sabe-se que diversos fatores, como o surgimento de líderes religiosos e o desenvolvimento da escrita, contribuíram para a fundação e o desenvolvimento das principais religiões do mundo (WILKINSON, 2011).

2.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Apesar das grandes diferenças entre as crenças, é possível identificar algumas características essenciais que são comuns a todas as religiões.

Os princípios básicos de qualquer religião são as *doutrinas*, que os crentes são ensinados a compreender e aceitar. “As doutrinas religiosas provêm tanto de escrituras, os textos sagrados de cada fé, como do processo contínuo de leitura e interpretação desses textos” (WILKINSON, 2011, p. 20).

A *mitologia*, por sua vez, procura explicar, de acordo com Gaarder, Hellern e Notaker (2001), os fundamentos de uma religião, bem como responder metaforicamente os questionamentos do homem. A essência dos mitos é oferecer às pessoas uma explicação geral da existência.

A *experiência religiosa* consiste no contato direto ou indireto com as divindades e pode ocorrer das formas mais variadas, “indo desde uma sensação difusa da presença de Deus, até as experiências místicas mais profundas e transformadoras” (PINHEIRO, 2006, p. 98-99), como visões, êxtases e transes.

Já a *instituição religiosa* é composta pelos grupos de pessoas que, segundo Gaarder, Hellern e Notaker (2001), são encarregadas das formalidades dos rituais, da orientação aos fiéis e de outras tarefas religiosas. Alguns sistemas religiosos são conduzidos um único líder, outros, como a Igreja Católica, podem possuir uma estrutura hierárquica de líderes.

O *conteúdo ético* da religião consiste num conjunto de instruções acerca da conduta de seus adeptos.

Todas as religiões salientam tanto a compreensão dos ensinamentos éticos quanto a sua prática. [...] Entre a diversidade dos pontos de vista éticos, sobressaem dois preceitos. O primeiro é a noção de reverência pelo absoluto, e o respeito pelas instituições morais que isso pode gerar. O segundo é a “regra de ouro” ética, comum a todas as fés: trate os outros como você gostaria de ser tratado (WILKINSON, 2011, p. 29).

Os *rituais e/ou cerimônias* “são as regras [...] que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas. Os ritos possuem um suporte corporal, seja ele verbal, gestual, ou postura, com caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas” (EVARISTO, 2012, p. 48).

Por fim, temos os *objetos e lugares sagrados*, que envolvem coisas inanimadas, construções e/ou cenários naturais dotados de alguma significação espiritual. São venerados pelos fiéis e muitas vezes associados a divindades específicas, líderes religiosos ou ocasiões especiais na história de uma fé (WILKINSON, 2011).

2.2. RELIGIÕES CRISTÃS X NÃO CRISTÃS

Considerada uma das principais religiões mundiais, o Cristianismo originou-se do Judaísmo, surgindo numa pequena porção do Império Romano há cerca de dois mil anos. Enormemente influente na Europa e nas Américas, cresce com rapidez no mundo,

especialmente na África, onde milhares de novas igrejas cristãs foram fundadas nas últimas décadas (WILKINSON, 2011).

Os cristãos creem num único Deus. No cerne da religião está Jesus Cristo, o filho de Deus, cuja vida e carreira de salvador, segundo Eliade e Couliano (1999), estão descritas nos evangelhos da Bíblia cristã.

Atualmente, temos diversas vertentes cristãs pelo mundo inteiro: o Catolicismo, o Protestantismo, a Igreja Ortodoxa e o Espiritismo, e cada uma delas possui um número enorme de fiéis em todos os continentes. Entretanto, é preciso lembrar que o Cristianismo divide espaço com outras grandes crenças que não tem a imagem de Jesus Cristo como figura principal.

2.2.1. As religiões primais

Religiões primais, ou primitivas, são os primeiros modelos de fé religiosa que se tem conhecimento. Seus adeptos foram os povos tribais da África, Ásia, América do Norte e do Sul e Polinésia. A essência das religiões primais é a crença nos poderes da natureza, e em diversos deuses e espíritos. Destacam-se o culto aos antepassados e os ritos de passagem como elementos importantes (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2001).

Wilkinson (2011) aponta que essas religiões remontam a tempos distantes e se desenvolveram antes que seus adeptos soubessem escrever, então suas crenças e tradições foram transmitidas oralmente por milhares de anos. Devido a esse fato, pouco se sabe sobre estas religiões.

Um exemplo de religião primal que sobrevive até hoje são as religiões africanas, como a religião dos iorubás e a religião dos bantos, que no período da escravidão deram origem às religiões afro-brasileiras.

Os cultos afro-brasileiros surgiram por volta de 1850, a partir de elementos de origens diversas, e apresentam feições autenticamente africanas, como a possessão pelas divindades orixás e a dança extática. No Nordeste, o culto é chamado candomblé; no Sudeste, macumba; mas a umbanda oriunda do Rio de Janeiro tornou-se muito popular a partir de 1925-1930 (ELIADE, COULIANO, 1999, p. 36).

Evaristo (2012) ressalta que as religiões africanas, assim como as afro-brasileiras são atualmente, eram baseadas na possessão de seus adeptos pelas divindades, e que seus sacerdotes teriam o poder de entrar em contato com os deuses, curar doenças, interferir na

sorte e destino das pessoas, prever o futuro manipulando pedras, amuletos e outros objetos, realizando invocações secretas e sacrificando animais.

2.2.2. O Judaísmo

As narrativas da Bíblia judaica descrevem a aliança de Deus com seu povo escolhido, o povo judeu (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2001). Essa aliança é o cerne do Judaísmo e estabelece uma série de instruções que os judeus devem seguir. A crença judaica “diz respeito, portanto, tanto ao modo como as pessoas vivem suas vidas como a conceitos do sobrenatural” (WILKINSON, 2011, p. 66).

A *Torah nebi'im we ketuvim* – “a Lei, os Profetas e os Escritos”, abreviado para *Tanakh*) – de acordo com Eliade e Couliano (1999), é o livro sagrado dos judeus, e é composta por três divisões fundamentais: a Torá ou Pentateuco, os Profetas e os outros textos.

2.2.3. O Islamismo

O Islamismo, ou Islã, propagou-se rapidamente a partir do Oriente Médio e exerce enorme influência sobre o saber e a política no mundo todo. A essência da fé é a crença num Deus único, Alá. O Corão é o livro sagrado da religião e suas palavras são atribuídas ao próprio Alá. Por esse motivo, os adeptos do Islamismo, chamados muçulmanos, o leem no árabe original, a língua em que foi revelado a Maomé, o principal profeta do Islã (WILKINSON, 2011).

Gaarder, Hellern e Notaker (2001) destacam que a religião islâmica envolve não somente a esfera espiritual, mas também todos os aspectos da vida dos muçulmanos, tanto a vida pessoal como a vida em sociedade. Os líderes religiosos são, em sua maioria, também os líderes políticos das comunidades onde o Islamismo predomina.

2.2.4. O Zoroastrismo

Segundo o Centro Ramakrishna Vedanta ([20--?]), existe a crença de que o Zoroastrismo tenha se originado das mesmas escrituras que originaram o Hinduísmo. A religião, que nasceu na antiga Pérsia (atual Irã), recebeu esse nome em homenagem ao profeta Zoroastro (WILKINSON, 2011), “O Avesta [...], livro sagrado do Zoroastrismo, [...] descreve

uma visão na qual Ahura Mazda [...] revela o futuro a Zoroastro. A partir de então, Zoroastro assume definitivamente a sua condição de profeta e reformador” (SOARES, 2009, p. 2).

A base do Zoroastrismo é a luta entre a divindade suprema, Ahura Mazda, e seu adversário, Angra Mainyu. A batalha, que se dá num nível cósmico, é também sustentada na terra pelos adeptos da fé, que vivem virtuosamente para assegurar que o bem triunfe sobre o mal. A religião, que perdeu seu domínio por conta da chegada do Islamismo à Pérsia, é seguida hoje apenas por uma pequena parte da população iraniana e por pequenos grupos na Índia e em outros países (WILKINSON, 2011).

2.2.5. O Hinduísmo

“O hinduísmo tem, na maioria das estatísticas, muitos milhares de anos e se distingue como sendo a mais antiga das religiões existentes no mundo” (CENTRO RAMAKRISHNA VEDANTA, [20--?], p. 1). A religião se desenvolveu na Índia, onde conta com milhões de adeptos ainda hoje. Para os hindus, todos os seus deuses são aspectos de um único ser supremo, denominado Brâman (WILKINSON, 2011).

As verdades divinas reveladas se chamam Vedas, palavra do idioma sânscrito que significa conhecimento. Para os sábios hindus, essas verdades eram tão sagradas que, por um longo tempo, elas não foram escritas. Eles as preservaram em suas memórias e as ensinaram oralmente aos estudantes que fossem dignos de conhecê-las (CENTRO RAMAKRISHNA VEDANTA, [20--?]).

2.2.6. O Budismo

O surgimento do Budismo se deu quando um jovem príncipe nepalês, Siddhartha Gautama, decidiu abandonar sua vida de luxo e riquezas para sair em busca de um modo de dominar o sofrimento humano. Sua busca terminou com uma experiência religiosa transcendente, após a qual ficou conhecido como Buda, “o iluminado”. A partir desse momento, Buda dedicou sua vida a ensinar e guiar os outros (WILKINSON, 2011).

Ao contrário do Hinduísmo e do Judaísmo, por exemplo, o Budismo tem origem num fundador, Siddhattha Gautama, o Buda. Por outro lado, ao contrário do Cristianismo e do Islã, esse fundador não representou uma encarnação divina ou um mensageiro divino, mas, ao contrário, foi um ser humano que expôs uma disciplina mental, desenvolvida e posta em prática com êxito por ele próprio. Outro aspecto importante em relação ao Budismo

é o fato de ser uma religião não teísta, uma vez que rechaça a existência de um Deus ou Criador supremo (DINIZ, 2010, p. 89).

2.2.7. O Sikhismo

O Sikhismo foi fundado no final do séc. XV no norte da Índia pelo guru Nanak, o primeiro de uma linhagem de dez gurus que conduziram a religião até o início do séc. XVIII. O Deus Uno é o centro da religião. Os sikhs almejam o culto a Deus e o alcance de uma experiência mais próxima e pessoal de Deus, pela meditação, pela repetição do Nome de Deus e pela absorção dos ensinamentos dos gurus. Os sikhs também se comprometem a trabalhar com afinco e a servir os outros (WILKINSON, 2011).

A doutrina sikh, de acordo com Eliade e Couliano (1999, p. 182), “pode ser considerada uma reforma do hinduísmo, principalmente no que se refere ao politeísmo, à rígida separação em castas e ao ascetismo com penhor da vida religiosa”.

As escrituras siques estão reunidas num volume chamado o Guru Granth Sahib, ou Adi Granth (o que significa “Livro Primal”). O livro, central para a fé sique, encerra a mensagem de que a crença no sagrado Nome de Deus está no cerne da religião, e suas palavras fazem parte de todo culto sique. O local de culto dos siques, o gurdwara, é definido como um lugar em que um exemplar do Guru Granth Sahib é guardado (WILKINSON, 2011, p. 216).

2.2.8. O Jainismo

“Diferente do Budismo, que se expandiu para além da Índia adquirindo dimensões mundiais, o Jainismo se manteve restrito ao subcontinente indiano e contribuiu notavelmente para o desenvolvimento filosófico da Índia” (MARÍN GUZMÁN, 2001, p. 137, tradução nossa). A religião “não tem um fundador único, mas seus adeptos creem que sua fé foi revelada a vários líderes chamados tirthankaras ou jinas” (WILKINSON, 2011, p. 225).

O Jainismo tem alguns pontos em comum com o hinduísmo tradicional e com algumas escolas do budismo, como “a ideia da reencarnação da parte viva (jiva) do ser humano em todos os reinos animados, sob a influenciado “corpo cármico”, que é o resultado das ações passadas” (ELIADE; COULIANO, 1999, p. 213).

2.2.9. O Confucionismo

K'ong Fu-tse, conhecido na América Latina como Confúcio, foi o fundador do confucionismo (ELIADE; COULIANO, 1999). Lidos no mundo todo, os escritos atribuídos ao sábio chinês são admirados por suas qualidades humanas, pela sabedoria e pela linguagem direta, como aponta Wilkinson (2011).

Eliade e Couliano (1999) questionam se o Confucionismo constitui de fato uma religião, apesar de a crença figurar entre as principais religiões tradicionais da China. De acordo com os autores,

Sua vocação é desmitologizar as crenças chinesas: os seres sobrenaturais transformam-se em virtudes, o Céu deixa de ser um deus mas continua sendo um princípio que garante a ordem, etc. Em certo sentido, a crítica confuciana da religião tradicional assemelha-se à do budismo, mas, ao contrário deste, não se preocupa com a “salvação” do indivíduo, pelo simples motivo de que não há na vida social nada de que se deva ser salvo e, portanto, ninguém para salvar (ELIADE; COULIANO, 1999, p. 96).

Cordeiro (2009, p. 8) acrescenta que

[...] essa tradição religiosa nunca se constituiu numa religião independente. [...] o termo confucionismo abrange uma série de idéias filosóficas e políticas que formavam os pilares do governo e da burocracia da China imperial, muito embora a ética confucionista também permeasse amplas camadas da população chinesa. A ênfase principal da doutrina de Confúcio está justamente na importância ética dos relacionamentos humanos. Seu interesse pelas questões sociológicas reais, como o papel do indivíduo na sociedade e as regras corretas de conduta, era maior do que seu interesse por questões religiosas e metafísicas.

Entretanto, Wilkinson (2011, p. 239) aponta que “na China, Confúcio tornou-se tão venerado, e seus ensinamentos tão identificados com ideias religiosas, que hoje o confucionismo é considerado uma religião em si mesmo”.

2.2.10. O Taoismo

De acordo com Cordeiro (2009), o Taoismo originou-se com um homem conhecido como Lao Tse, supostamente nascido na China em 604 a.C. A figura de Lao Tse, porém, é um mistério, “e as histórias sobre sua vida são muitas e variadas. Os historiadores sequer têm certeza se ele de fato existiu. Também não se sabe ao certo o seu verdadeiro nome, pois Lao

Tse – que se traduz como “o velho amigo” ou “o velho mestre” – constitui um título de respeito e afeição” (CORDEIRO, 2009, p. 5).

A essência da crença taoista é o conceito do Tao, (Caminho) o princípio eterno e inabalável que sustenta o universo. Seguindo-o, os crentes terão uma vida longa e saudável, e poderão desfrutar da imortalidade no Céu (WILKINSON, 2011). O principal escrito do Taoísmo, atribuído à figura de Lao Tse, é o Tao Te Ching (CORDEIRO, 2009).

2.2.11. O Xintoísmo

O Xintoísmo é uma antiga religião nascida no Japão, “enraizada em práticas e crenças que remontam a tempos pré-históricos, e que continua a atrair e conservar muitos adeptos” (WILKINSON, 2011, p. 263).

Diferentemente do cristianismo e do islã, o xintoísmo não tem um fundador. É tipicamente uma religião nacional, que ao longo dos séculos adotou tradições de várias outras religiosidades. Ela não conta com nenhum credo ou código de ética expressamente formulado. A essência do xintoísmo são a *cerimônia* e o *ritual*, que mantêm o contato com o divino (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2001, p. 87).

É característica do Xintoísmo antigo a reverência aos Kamis, descritos por Eliade e Couliano (1999, p. 273) como “manifestações onipresentes do sagrado. [...] Os Kamis – sejam eles forças da natureza, ancestrais venerados ou simplesmente conceitos – não tinham santuários. Seu território era marcado apenas nas celebrações de ritos em sua honra”.

2.2.12. Religião Popular Chinesa

Após a Segunda Guerra Mundial, a religião passou a exercer um papel cada vez menor na história da China, sobretudo depois de 1949, quando Mao Tse-Tung e o Partido Comunista assumiram o poder. [...] Durante sua gestão, templos foram destruídos e propriedades religiosas comunitárias foram confiscadas. Desde tempos remotos, contudo, a vida religiosa chinesa foi marcada pela pluralidade, na qual coexistiam três importantes religiões: o budismo, o taoísmo e o confucionismo (CORDEIRO, 2009, p. 4-5).

A expressão “religião popular chinesa” refere-se à mistura dessas três religiões praticada por muitas pessoas em comunidades chinesas no mundo todo. Esse sincretismo envolve os imortais, as festas que unem a comunidade e um grande número de outras práticas religiosas (WILKINSON, 2011).

2.3. O BIBLIOTECÁRIO FRENTE À DIVERSIDADE RELIGIOSA

As religiões interferem direta e indiretamente nas artes, na política, no pensamento humano. Sua história, associada aos grandes acontecimentos dos últimos séculos, contribuiu para a distribuição das crenças (WILKINSON, 2011). A globalização, conforme pontua Ortiz (2001), beneficia as religiões, ampliando sua influência. “O lugar que o universo religioso ocupava nas sociedades tradicionais foi definitivamente remodelado pela modernidade. [...] A ação das religiões num mundo globalizado adquire uma outra configuração” (ORTIZ, 2001, p. 64). De fato, os sistemas religiosos citados neste trabalho, em sua maioria, já não se encontram mais restritas a seus locais de origem, tendo conquistado adeptos no mundo todo.

Até as décadas de 60 e 70 do século passado, o Candomblé era religião de negros e seus descendentes, sendo sua presença marcante, sobretudo na Bahia e Pernambuco, e a reduzidos grupos provenientes de antepassados escravos, localizados em distintas regiões do país. Seguindo o mesmo caminho da Umbanda, desde a década de 1960, o Candomblé passou a se abrir mais como religião também para segmentos da população cuja etnia não é de origem africana (EVARISTO, 2012, p. 47).

O povo judeu, durante grande parte de sua história, foi forçado a viver longe de sua terra, criando um modo de vida próprio em outras partes do mundo e levando consigo a sua fé. Isso contribuiu para que o Judaísmo se espalhasse pelo mundo (WILKINSON, 2011). Também o Islamismo, maior religião depois do Cristianismo, está hoje presente em todos os continentes (ELIADE; COULIANO, 1999).

Desde seu surgimento, o Budismo tornou-se uma das religiões mais populares do mundo. Milhões de pessoas se inspiram nos ensinamentos do Buda, nos quais encontram orientações para suas vidas. A filosofia jainista, por sua vez, serviu de inspiração para ativistas contra a violência e a opressão por todo o mundo, embora o Jainismo seja, entre as religiões indianas, a que tem menor número de adeptos. E quanto às religiões orientais, o Xintoísmo encontra-se quase totalmente restrito ao Japão, mas os ensinamentos de Confúcio e as ideias do Taoísmo são influentes no mundo todo (WILKINSON, 2011).

Essa crescente expansão das religiões nos leva a refletir sobre alguns aspectos. O primeiro deles é a convivência harmoniosa entre as crenças.

A busca [...] pela formação de uma identidade, particularmente de uma identidade ou identificação religiosa, nos tempos atuais – face ao contexto de pluralismo e, conseqüentemente, das múltiplas ofertas no campo religioso –

tem levado alguns segmentos religiosos ao desenvolvimento de atividades que proporcionem a interação e o diálogo com outros grupos, de concepções e credos diversos. A prática desse diálogo tende a ser concebida como uma troca de experiências entre indivíduos e comunidades religiosas que estejam dispostos a uma abertura ao conhecimento e à compreensão de diferentes formas de vivência do sagrado. Entende-se que para que tal encontro seja possível, levando a um enriquecimento mútuo de seus participantes, os envolvidos nesse processo devam estar preparados para acolher e reconhecer verdades diferentes de suas próprias, sem, no entanto, ter por meta a conversão do outro ou temer o abandono de suas convicções (CAIXEIRO, 2013, p. 5).

Há que se considerar também que a globalização, além de acelerar o crescimento das religiões, promove uma grande troca de conhecimento.

Toda religião é [...] um lugar de memória e de identidade. Ao congregar as pessoas, ela lhes fornece um terreno e um referente comum no qual a identidade do grupo pode se exprimir [...]. A memória é uma técnica coletiva de celebração das lembranças, aproxima o passado, soldando os indivíduos no seio de uma mesma comunidade. [...] Na medida em que a religião tem capacidade de agregar pessoas em escala ampliada, criar laços sociais, ela adquire um poder maior [...]. Capacidade simbólica que se maximiza com os meios de comunicação. A era da informática coloca à disposição das organizações religiosas um conjunto de mecanismos de alcance transnacionais até então pouco usuais (ORTIZ, 2001, p. 66).

Vieira (1983) aponta que a biblioteca deve ser pensada como agência de transformação cultural, proporcionando espaço para reflexão e intercâmbio entre indivíduos ou grupos. O bibliotecário, por sua vez, deve ser o difusor do conhecimento. Assim, as bibliotecas constituem um importante espaço, tanto para o diálogo inter-religioso quanto para a preservação da memória e a disseminação do conhecimento religioso. E o bibliotecário, enquanto mediador da informação, deve ser imparcial, tratando todas as crenças com equidade.

Para que isso aconteça, é preciso que os produtos e serviços da biblioteca estejam de acordo com a sua função social. O tratamento da informação é extremamente importante para proporcionar ao usuário uma recuperação precisa da informação. Nesse sentido, destacam-se os estudos sobre Organização e Representação do Conhecimento.

3. ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Segundo Pinho (2006), o ser humano inicia as tentativas de organizar e representar o conhecimento já no princípio de sua existência.

Os estudos sobre a organização do conhecimento têm ligação com as pesquisas sobre a história do livro e da escrita, uma vez que os meios, utilizados para comunicar as ideias, representam um componente importante na relação leitor-texto, pelo fato de condicionarem os próprios modos de pensar. Dessa forma, a relação que se estabelece entre esses componentes influenciará a produção do conhecimento e, logo, a sua organização [...] O direito de acesso aos registros do conhecimento possibilita que o indivíduo possa desenvolver suas atividades. A organização desses registros, e a própria organização do conhecimento, surge como um campo de estudos para resolver os problemas de ordenação e acesso ao conhecimento (PINHO, 2006, p. 7).

A representação, nas palavras de Lima e Alvares (2012, p. 21), significa “utilizar elementos simbólicos – palavras, figuras, imagens, desenhos, mímicas, esquemas, entre outros – para substituir um objeto, uma ideia ou um fato”. No âmbito da Biblioteconomia, temos duas dimensões de representação do conhecimento: “a dimensão descritiva, voltada aos elementos relativos à forma dos documentos (como na catalogação descritiva) e a **dimensão temática, voltada aos conteúdos informacionais**” (CAFÉ; SALES, 2010, p. 120, grifo nosso).

Desse modo, a Organização e a representação do conhecimento enquanto práticas biblioteconômicas, segundo Carlan (2010, p. 28), “estão sintetizadas em seu próprio nome, formados por dois conceitos fundamentais: a organização do conhecimento e a representação do conhecimento que tem como objeto de estudo o conhecimento e suas atividades”. A autora cita como uma dessas atividades a criação e desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC).

Sistemas de Organização do Conhecimento [...] abrangem todos os tipos de esquemas que organizam e representam o conhecimento, por exemplo, as classificações, taxonomias, tesouros e ontologias. SOC são sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos. Na organização e recuperação da informação, os SOC cumprem o objetivo de padronização terminológica para facilitar e orientar a indexação e os usuários. Quanto à estrutura variam de um esquema simples até o multidimensional, enquanto que suas funções incluem a eliminação da ambiguidade, controle de sinônimos ou equivalentes e estabelecimento de relacionamentos semânticos entre conceitos (CARLAN; BRÄSCHER, 2011, p. 54).

Dentre os SOC supracitados, selecionamos os esquemas de classificação como base de nosso estudo, por serem amplamente empregados por bibliotecas no mundo inteiro.

3.1. ESQUEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

É consenso entre os pesquisadores da área de Organização do Conhecimento que o ato de classificar faz parte da personalidade humana. Constantemente estamos classificando e categorizando pessoa, coisas, eventos, ainda que involuntariamente. Café e Sales (2010, p. 117) afirmam ser “uma característica essencial humana presente nos nossos dias desde o início de nossas vidas”. Dalhberg (1979), por sua vez, refere-se à classificação como uma arte tão antiga como a humanidade.

Classificar, na definição de Piedade (1983, p. 16), “é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos”. Existem três tipos de classificações: sociais, filosóficas e bibliográficas. As classificações sociais remetem justamente a essa classificação intrínseca ao ser humano, um processo mental que se dá de forma consciente ou inconsciente, e atende a diversos tipos de propósito (PEREIRA et al, 2009; KAULA, 1982).

As classificações filosóficas, por sua vez, referem-se a sistemas que buscavam a compreensão do conhecimento, porém ainda não visavam à organização e recuperação da informação. Segundo Barbosa (1969), este tipo de classificação visava agrupar logicamente o conhecimento humano. Nota-se a contribuição de Aristóteles nesse tipo de classificação, no que diz respeito “à divisão dicotômica dos objetos em gênero e espécie. Trata-se de uma hierarquização conceitual que divide um tema geral em espécies a partir da aplicação de uma característica classificatória” (ARAÚJO, 2006, p. 122).

Por fim, temos as classificações bibliográficas, criadas “com o objetivo de organizar os acervos de bibliotecas facilitando o acesso às informações pelos usuários” (CARLAN, 2010, p. 57). A maioria de seus criadores se utilizou das divisões de conhecimento propostas pelas classificações filosóficas. Os principais esquemas de classificação bibliográfica, segundo Kaula (1982, p. 9), são:

- Classificação Decimal de Dewey (Melvil Dewey – 1876)
- Classificação Expansiva (Charles Ammi Cutter – 1891)
- Classificação da Biblioteca do Congresso (Library of Congress – 1902)

- Classificação Decimal Universal (FID – 1905)
- Classificação de Assuntos (James Duff Brown – 1906)
- Classificação dos Dois Pontos (Ranganathan – 1933)
- Classificação Bibliográfica (Henry Evelyn Bliss – 1935)
- Classificação Internacional (F. Rider – 1961)

Com exceção da Classificação Internacional de Rider, que não será abordada neste trabalho, os sistemas acima se firmaram e são utilizados até os dias atuais, “sendo considerados sistemas bibliográficos universais de organização do conhecimento (MIRANDA; OLIVEIRA; PARANHOS, 2011, p. 4)”.

3.1.1. Classificação Decimal de Dewey

A Classificação Decimal de Dewey (CDD) foi criada pelo bibliotecário norte-americano Melvil Dewey (1851-1931) em 1876. É utilizada no mundo todo, principalmente em bibliotecas públicas (PEREIRA et al, 2009). Segundo Piedade (1983), Dewey não foi o primeiro a dividir os livros de uma biblioteca por assunto, mas foi o primeiro a atribuir símbolos de classificação aos próprios livros e a incluir o índice relativo em seu sistema.

Na CDD, o conhecimento está dividido em dez classes principais. Sendo a primeira classe destinada aos assuntos mais gerais (BARBOSA, 1969). Cada classe principal se subdivide em nove classes menores; que por sua vez se subdividem em nove seções, e assim sucessivamente.

A notação do sistema é constituída de números decimais, mas foram suprimidos o zero e a vírgula, que caracterizam números decimais, e foi usado um mínimo de três algarismos, tratados como decimais [...]. A CDD só utiliza um sinal gráfico, um ponto, após o terceiro algarismo, mas mesmo este ponto não tem qualquer outro valor [...] senão facilitar a leitura, assim, como só emprega algarismos, a sua notação é considerada como pura (PIEADADE, 1983, p. 93).

3.1.2. Classificação Expansiva

Criada pelo bibliotecário norte-americano Charles Ammi Cutter (1837-1903), a Classificação Expansiva consiste em sete classificações: a primeira muito geral, a segunda

menos geral, a terceira ainda menos geral e assim sucessivamente até a sétima classificação, a mais bem detalhada. A ideia de Cutter era aplicar a primeira classificação ao iniciar-se a coleção da biblioteca, passar à segunda quando esta crescesse um pouco, seguir para a terceira para aumentar o acervo, e assim sucessivamente, até que fosse necessária a utilização da sétima classificação, que não foi completada devido ao falecimento de Cutter e, posteriormente, de seu sobrinho, William Parker Cutter (1867-1935), que tentou concluir o trabalho do tio (PIEDADE, 1983).

Cada classe principal da Classificação Expansiva se subdivide pelas 26 letras do alfabeto, e cada subdivisão novamente pelas mesmas letras, e assim por diante, tornando a notação demasiadamente expansiva. Embora muitos estudiosos considerem sua notação pura, uma vez que o sistema usa letras maiúsculas, a notação, na verdade, é mista, pois utiliza números para as subdivisões geográficas e ponto para as subdivisões de forma (BARBOSA, 1969; PIEDADE, 1983).

3.1.3. Classificação da Biblioteca do Congresso

A Biblioteca do Congresso (Library of Congress) dos Estados Unidos foi criada em abril de 1800 e instalada com uma coleção de 740 livros encomendados à Inglaterra. Em 1814, ocorreu um incêndio no edifício do Congresso, que destruiu grande parte do acervo (PIEDADE, 1983).

“Em 1887, foi iniciada a construção de um novo edifício para a Biblioteca, inaugurado em 1897, quando a coleção já atingia cerca de um milhão de volumes” (PIEDADE, 1983, p. 153). Após a mudança de prédio, os bibliotecários perceberam a necessidade de criar um novo sistema de classificação, adequado ao crescente acervo (PEREIRA et al, 2009). Jonh Russel Young (1840-1899), então diretor da entidade, atribuiu esta tarefa a James Hanson (1864-1943) e Charles Martel (1860-1945), chefes da catalogação e da classificação (PIEDADE, 1983).

Considerada o mais importante sistema utilitarista (sem apoio em base científica) de que se tem conhecimento (BARBOSA, 1969), “a Classificação da Library of Congress baseou-se em 21 classes principais, representadas de A-Z, excerto pelas letras I, O, N, X e Y, deixadas para futuras expansões” (PEREIRA et al, 2009, p. 7). Cada classe é publicada independentemente das demais e possui seu próprio índice. De tempos em tempos, o esquema sofre revisões e acréscimos, realizados conforme a expansão da coleção correspondente

(BARBOSA, 1983; PEREIRA et al, 2009). A notação é mista, constituída por letras maiúsculas e números.

3.1.4. Classificação Decimal Universal

A história da Classificação Decimal Universal (CDU) tem início em 1892, quando Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1853-1943) resolveram fundar, em Bruxelas, o Office International de Bibliographie, com a finalidade de organizar uma bibliografia universal, que intitularam Repertoire Bibliographique Universel (PIEDADE, 1983).

Quando da criação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) – na 1ª Conferência Internacional de Bibliografia, realizada em 1895 em Bruxelas – uma de suas primeiras tarefas foi a compilação de um repertório universal de bibliografia, [...] a cargo de Paul Otlet e Henry La Fontaine. Como precisassem de um sistema metódico para a ordenação das fichas desse repertório, decidiram-se pelo de Dewey, que [...] já estava, então em sua quinta edição [...], o Instituto conseguiu que Dewey autorizasse o acréscimo de sinais e símbolos, afim de obter as notações minuciosas que se faziam necessárias (BARBOSA, 1969, p. 387).

A primeira edição do sistema foi publicada em 1905. Na preparação da 2ª edição da CDU, entre 1927 e 1933, trabalharam cerca de 40 especialistas sob a direção de Otlet e La Fontaine, que coordenaram os trabalhos das classes de Humanidades, e do engenheiro Fritz Donker Duyvis (1894-1961), responsável pela parte de Ciência e Tecnologia. Em 1934 foi iniciada a publicação da 3ª edição, escrita em alemão e finalizada em 1953, a última edição desenvolvida completa existente até hoje (BARBOSA, 1969; PIEDADE, 1983).

“O sistema usou as mesmas dez classes de Dewey, representando-as, porém, apenas por um algarismo que se desdobra em dois, três etc.” (BARBOSA, 1969, p. 388), sendo que a classe 4 encontra-se vaga para posterior utilização. Cada classe principal é dividida em 10 subclasses, sendo a primeira reservada aos temas gerais e as 9 seguintes destinadas a assuntos específicos. “Estas divisões são novamente subdivididas em 9 classes específicas e uma classe geral, e assim sucessivamente (PIEDADE, 1983).

A notação da CDU é mista, composta de números, sinais gráficos e letras ou palavras. Para quebrar a extensão dos números e facilitar sua leitura – pois eles são lidos como decimais e não como números inteiros – emprega-se um ponto a cada três algarismos. Esse ponto não possui valor classificatório (BARBOSA, 1969).

3.1.5. Classificação de Assuntos

James Duff Brown (1862-1914), bibliotecário inglês, idealizou um sistema de classificação que recebeu o nome de *Subject classification*. Em 1906, Brown publicou a 1ª edição de seu sistema, usado, por muitos anos, em muitas bibliotecas inglesas. Em 1914, quando faleceu, foi publicada a 2ª edição e, em 1939, saiu impressa uma 3ª edição revista, aumentada e editada por seu sobrinho James Douglas Stewart (BARBOSA, 1969).

Para Brown, toda forma de conhecimento deriva de um dos quatro grandes princípios fundamentais: Matéria e Força, Vida, Razão e Registro, na ordem em que surgiram no Universo (PIEDADE, 1983). O bibliotecário baseou seu sistema na divisão dos conhecimentos humanos nesses quatro grandes grupos (BARBOSA, 1969). A notação é mista, composta de letras maiúsculas de A a X, algarismos na ordem aritmética, letras minúsculas e sinais gráficos (PIEDADE, 1983).

3.1.6. Classificação dos Dois Pontos

O indiano Shiyali Ramanrita Ranganathan (1892-1972) cursou a Hindu High School, em Shiyali, e o Christian College, da Universidade de Madras, onde, em 1916, obteve o grau de Mestre em Matemática. Em 1924, foi nomeado bibliotecário da Madras University Library e enviado à Inglaterra para estagiar no British Museum. Estudou Biblioteconomia na School of Librarianship da Universidade de Londres, onde se interessou principalmente pelas áreas de Classificação e Administração de Bibliotecas. Foi nessa época que resolveu criar um novo sistema de classificação bibliográfica (PIEDADE, 1983).

Em 1925, Ranganathan voltou à Índia e assumiu a direção da Madras University Library, iniciando o desenvolvimento e a aplicação do sistema que havia idealizado. Convencido da necessidade de modificar os princípios básicos de classificação bibliográfica, concebeu a ideia de uma classificação analítico-sintética (PIEDADE, 1983; BARBOSA, 1969). “A primeira edição da Colon Classification data de 1933, seguindo com edições revisadas e acrescentadas até 1960” (PEREIRA et al, 2009, p. 6).

Na construção de sua classificação, Ranganathan dividiu o conhecimento humano em 42 classes principais (BARBOSA, 1969) e empregou uma notação mista “utilizando algarismos arábicos, letras minúsculas e maiúsculas, letras gregas e sinais gráficos, somando cerca de 70 caracteres” (PIEDADE, 1983, p. 195). A principal característica do esquema é a subdivisão dos assuntos em facetas e focos.

Segundo Ranganathan, analisar um assunto por facetas significa que cada aspecto desse assunto pode ser visto como as manifestações de certas características ou facetas que obedecem a postulados pré-determinados. O sistema toma-se, assim, multidimensional e ilimitado (BARBOSA, 1969, p. 166).

A Colon Classification tem sido empregada somente em bibliotecas da Índia. Seu estudo, porém, é importante devido à influência que exerce sobre os estudiosos e autores de classificações (PIEIDADE, 1983). O sistema de Ranganathan é pioneiro da classificação moderna e é o único esquema geral completamente facetado, além de ser único quanto à coerência e sistematização (PEREIRA et al, 2009).

3.2. A ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELIGIÕES

Apesar de universais, os esquemas de classificação não contemplam todo conhecimento do mundo. Gomes (2009) ressalta que as pesquisas atuais apontam para as dificuldades dos sistemas de organização do conhecimento diante da multidisciplinaridade dos temas de pesquisa e às questões de classificação dos registros. Para Carlan (2010, p. 31), “não existe um esquema de classificação do conhecimento sobre o qual todos concordem. Um SOC pode ser significativo e vantajoso para uma cultura [...] e para outros pode não ser”.

De acordo com Pinho (2006, p. 1), “é sabido que esses instrumentos são carregados de ideologias e, por isso, não são neutros em relação às questões políticas e culturais”. Esse aspecto resulta em desvios que podem interferir na recuperação da informação, e ainda podem transmitir a ideia de superioridade de uma ou mais culturas em relação a outras.

Um dos exemplos mais marcantes dos desvios na organização e representação do conhecimento reside nas categorizações dicotômicas em sistemas de classificação [...], o que decorre de uma tradição aristotélica de oposição de conceitos e, quando adotadas de forma categórica, podem evidenciar desrespeito entre diferentes culturas, reforçando a ideia de preponderância ou revelando de certa maneira proselitismo (vide, por exemplo, a oposição religiões cristãs X religiões não cristãs) (MILANI et al, 2009, p. 206).

A causa desse problema é que “os esquemas de classificação bibliográficos são produtos de seu tempo e de seus criadores, influenciados pelos momentos histórico e sócio-político nos quais vivem” (PINHO, 2006, p. 21). A Classificação Decimal de Dewey (CDD), por exemplo, ilustra muito bem essa situação. Nela, identificam-se fortes traços de tendenciosidade na classe de Religião – classe 200. Devido ao fato de seu criador, Melvil

Dewey, ser de origem cristã, a classe 200 disponibiliza um espaço muito pequeno para notações referentes às religiões não cristãs, mesmo depois de tantas edições publicadas desde seu lançamento (MIRANDA; OLIVEIRA; PARANHOS, 2011).

A Classificação Decimal Universal, por sua vez, passou por uma revisão e reformulação na classe de Religião, a classe 2, passando assim a comportar mais classificações para diversas denominações religiosas. Existem diferentes tipos de usuários que são adeptos a todos os tipos de religião, isso sem contar naqueles que são ateus, agnósticos ou adeptos de alguma filosofia de vida (BROUGHTON, 2000).

Trazemos também o exemplo da Library of Congress Subject Headings (LCSH), que apesar de ser uma lista de cabeçalhos de assunto e não um esquema de classificação, também apresenta desvios na organização do conhecimento de religiões.

O uso da LCSH provoca a dispersão semântica da informação relativa ao etnoconhecimento. No tocante ao conhecimento e à cultura afrodescendente, a organização do conhecimento na LCSH32 é imprecisa e não possibilita identificar as relações etnoconceituais tal como elas se estabelecem na mente dos sujeitos cognoscentes no momento da recuperação da informação (MIRANDA et al, 2012, p. 158).

Estes exemplos foram a motivação para buscarmos, através deste estudo, analisar a organização e representação do conhecimento de religiões não cristãs na Classificação de Bliss.

4. BLISS E A BIBLIOGRAPHIC CLASSIFICATION

Nesta seção, abordaremos alguns aspectos sobre a vida de Henry Evelyn Bliss e suas publicações, com enfoque especial para seu principal trabalho: a Bibliographic Classification.

4.1. HENRY EVELIN BLISS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CLASSIFICAÇÃO

Segundo Sayers (1962) e Campbell (1976), Henry Evelyn Bliss (1870-1955) nasceu em 1870, em Nova York. De descendência inglesa, até os onze anos de idade foi educado em casa pela mãe. Em 1885, ingressou no College of the City of New York. Sua carreira na biblioteconomia começou em 1891, quando a direção do College o convidou para trabalhar como bibliotecário substituto.

Diversos autores apontam as contribuições de Bliss para a classificação. Anjos (2008, p. 144) o cita como “o primeiro bibliotecário a observar a diversidade dos pontos de vista sob os quais se pode considerar uma certa área de conhecimento na discussão da teoria que fundamenta o seu plano”. A autora acrescenta que Bliss dava importância para a fundação filosófica e acadêmica na construção de uma classificação bibliográfica, pois não basta apenas o esquema facilitar a ordenação dos livros nas estantes, o valor educacional também deve ser levado em consideração.

Segundo Kaula (1982), Bliss foi o único a enunciar uma teoria para o esquema de classificação criado por ele, não havendo nenhum outro classificacionista a realizar tal feito. Entre a elaboração do esboço, em 1910, e a publicação da primeira edição do esquema, em 1935, foram 25 anos de estudos e exame de vários outros esquemas. Além disso, “Bliss foi o primeiro classificacionista capaz de dizer que um esquema de classificação representava a 'organização do conhecimento' [...] (KAULA, 1982, p. 12)”.

Henry Bliss, já na década de 1930, prenunciava preocupações com a instância de recepção. Os estudos da época mostravam que as classificações muito específicas eram ineficientes se separadas dos grandes assuntos que referenciavam a sua intenção. A esta observação, Bliss chamou de ilusão do índice de assunto, pois as referências cruzadas e os índices relativos não traziam consigo os assuntos gerais, contemplando apenas as subclasses e subdivisões. O termo *collocation* era o princípio de organização proposto por ele, que trazia junto com as subclasses específicas, as classes genéricas relevantes relacionadas, de modo que a combinação da subordinação lógica com a prática da *collocation* atingia maior eficiência (SANTOS, MAZINI, p. 4).

As obras de Bliss se destacam nos estudos da Organização do conhecimento (PINHO, 2006). No livro *Organization of Knowledge and the System Of Sciences*, publicado em 1929, Bliss descreve, segundo Sayers (1962), as bases científicas, filosóficas e lógicas para o estudo da classificação bibliográfica, e no livro *The Organization of Knowledge in Libraries and the Subject Approach to Books*, publicado em 1933, o classificacionista expõe vários conceitos elaborados a partir de sua experiência como bibliotecário do College. Estas obras trouxeram embasamento teórico para trabalhos posteriores e para ideias modernas de classificação (ESPÍRITO SANTO, 2014).

Ranganathan [...], em seu livro *Prolegomena to Library Classification* (1937), menciona [...] que certa vez, não podendo conciliar o sono, lembrou-se do conselho dado por um amigo de ler para distrair-se. Resolveu ler Bliss [...]. Ao entrar em contato, por intermédio das ideias de Bliss, com a perspectiva de elaborar uma base teórica para sistemas de classificação, sentiu-se estimulado a providenciar uma teoria e uma linguagem única para a sua Classificação dos dois pontos [...], que havia sido elaborada apenas sobre bases intuitivas (ANJOS, 2008, p. 145).

Além dos livros e do esquema de classificação, Bliss também escreveu alguns artigos, publicados no *Library Journal* e em outros periódicos americanos. Aos 60 anos, Bliss publicou também um livro de poesias intitulado *Better Late than Never*, demonstrando possuir talento não só para a Biblioteconomia, como também para as artes (SAYERS, 1962).

Espírito Santo (2014) identifica nos trabalhos de Bliss uma preocupação com questões sociais. Para Bliss, a biblioteca deve ser espaço de inclusão social, e seus serviços devem ter como objetivo beneficiar a comunidade. O classificacionista reforçava ainda que, “embora nenhum indivíduo pudesse ser dono e senhor de todo conhecimento, a classificação poderia dar ao indivíduo uma visão geral de todo o mundo das ideias” (ANJOS, 2008, p. 144-145).

Cabe mencionar que, apesar de trabalhar como bibliotecário e ter produzido tantas publicações e contribuições, a única formação de Bliss em Biblioteconomia foi um curso de verão sobre classificação em 1903 (CAMPBELL, 1976). Se, com tão pouco, seu nome já se figura entre os principais estudos sobre Organização e Representação do Conhecimento, imaginamos o quão renomado seria se se somasse à sua inteligência e erudição uma formação mais completa.

4.2. A BIBLIOGRAPHIC CLASSIFICATION

Campbell (1976) destaca que Bliss não tinha muito apreço pela classificação empregada em sua biblioteca, bem como pelas classificações existentes. Por isso empenhou-se em criar um esquema de classificação que pudesse ser aplicado adequadamente em catálogos e bibliografias. “Após 30 anos de trabalho na Biblioteca do College of the City of New York, [...] Bliss, publicou um sistema de classificação a que chamou de Bibliographic Classification” (BARBOSA, 1969, p. 145).

Em 1910, Bliss publicou no *Library Journal* o esboço do sistema, que vinha aplicando na biblioteca do College desde 1908. A primeira edição do esquema, hoje conhecida como BC1, foi publicada em Nova York, pela editora H. W. Wilson.

O primeiro volume apareceu em 1940, o segundo em 1947 e os dois últimos em 1953. Em 1952 foi feita uma reimpressão dos dois primeiros volumes em um único tomo. A obra consta de 4 volumes em 3, sendo dividida ao seguinte modo: volumes 1 e 2, letras A-K; volume 3, letras L-Z; volume 4, índice (PIEDADE, 1983, p. 184).

Durante um tempo, a atualização da BC1 permaneceu sob responsabilidade da editora que publicou o esquema, até que em 1967 esta tarefa foi entregue à Bliss Classification Association, entidade britânica destinada aos usuários do esquema. A segunda edição, que leva o título de Bliss Bibliographic Classification (BC2), foi publicada em 1977, sob a direção de Jack Mills e Vanda Broughton, que revisaram e adaptaram o esquema seguindo os moldes da teoria da classificação facetada (PIEDADE, 1983).

A Classificação Bibliográfica de Bliss apresenta uma estrutura segundo o “consenso científico e educacional”, seguindo uma ordem de implicação da ideia de evolução. O esquema de Bliss adotou a divisão dos conhecimentos humanos conforme o conceito educacional da época de sua construção (1940), reunindo-os em quatro grandes grupos: Filosofia, Ciência, História, Tecnologia e Arte (SOUZA, 2006, p. 31).

Bliss prezava por uma notação “sintética, expressiva e sistemática” (CARLAN, 2010, p. 64). Utilizou em seu esquema uma notação mista, composta por números, letras maiúsculas e minúsculas, e vírgula para separar as tabelas auxiliares das classes principais. O hífen também pode ser usado para ligar assuntos (BARBOSA, 1969), assumindo a mesma função dos dois pontos na CDU. Segundo Piedade (1983, p. 186), “Bliss [...] preocupou-se com a brevidade dos símbolos de classificação, a qual sacrificou a expansividade”.

As classes principais, são representadas por letras maiúsculas de A a Z, e cada subdivisão recebe duas ou mais letras maiúsculas. As divisões numéricas situadas antes das classes principais, denominadas *anterior numeral classes*, assemelham-se às classes Obras gerais ou Generalidades de outros esquemas (BARBOSA, 1969; PIEDADE, 1983).

Quadro 1. Classes principais da Bibliographic Classification 2

1	Introdução e tabelas auxiliares
2/9	Generalidades, Fenômeno, Conhecimento, Ciência da Informação e Tecnologia
A/AL	Filosofia e Lógica
AM/AX	Matemática, Probabilidade, Estatística
AY/B	Ciências Gerais, Física
C	Química
D/DF	Astronomia
DG/DY	Ciências da Terra
E/GQ	Ciências Biológicas
GR/GZ	Ciências Biológicas aplicadas: Agricultura e Ecologia
H	Antropologia Física, Biologia Humana, Ciências da Saúde
I	Psicologia e Psiquiatria
J	Educação
K	Sociedade (inclui Ciências Sociais, Sociologia e Antropologia)
L/O	História (inclui estudos da área, Viagens e Topografia, e Biografia)
LA	Arqueologia
P	Religião, Ocultismo, Moral e Ética
Q	Bem-estar Social e Criminologia
R	Política e Administração Pública
S	Direito
T	Economia e Gestão de Empreendimentos Econômicos
U/V	Tecnologia e Artes Utilitárias (incluindo Doméstica e Gestão de Serviços)
W	Artes
WV/WX	Música
X/Y	Língua e Literatura
ZA/ZW	Museologia

Fonte: <http://blissclassification.org.uk/bcsched.shtml>

Barbosa (1969) explica que o esquema possui 22 tabelas auxiliares, sendo as quatro primeiras de uso geral e as demais restritas a classes determinadas. A autora descreve a aplicação e a forma de representação dessas quatro tabelas:

- A primeira se destina às subdivisões de forma, que são representadas por algarismos de 1 a 9. Segundo Sayers (1962), esta tabela apresenta semelhanças com as *anterior numeral classes*.
- A segunda tabela indica as subdivisões geográficas, cuja representação é composta por letras minúsculas do alfabeto. “Podem ser usadas em quase todo o sistema, porém, em

determinadas classes, devem ser substituídas por outras mais específicas dadas nas próprias classes” (BARBOSA, 1969, p. 156).

- A terceira tabela diz respeito às subdivisões de língua ou nacionalidade, representadas por letras maiúsculas do alfabeto, precedidas de uma vírgula.
- A quarta tabela é utilizada para indicar períodos históricos, e é mais empregada nas classes de L até O. A representação, assim como na terceira tabela, se dá por letras maiúsculas do alfabeto, precedidas de vírgula.

Para Sayers, o uso destas tabelas confere precisão à localização dos assuntos. Segundo Barbosa (1983), a vírgula que antecede os símbolos destas tabelas auxiliares pode se suprimida quando não houver possibilidade de seus símbolos serem confundidos com as notações da tabela principal.

A primeira edição do esquema é acompanhada por um índice relativo bem detalhado que inclui cerca de 45.000 entradas, além de nomes pessoais de artistas e literatos (PIEIDADE, 1983; BARBOSA, 1969). Não foi possível identificar a existência desse índice na segunda edição.

Carlan (2010) destaca a erudição do esquema como ponto forte. De acordo com Piedade (1983) e Pereira et al (2009), a Bibliographic Classification foi considerada como um dos melhores desenvolvimentos de classes encontrados em esquemas de classificação bibliográfica. Bliss considerava a ordem das classes como uma das qualidades mais importantes de um esquema de classificação. É um sistema flexível, a possibilidade de classificações alternativas permite que um determinado assunto possa ser classificado em dois ou mais pontos do sistema, entretanto não apresenta explicações ou exemplos de seu uso, um aspecto negativo que dificulta seu aprendizado.

O esquema praticamente não é utilizado na América [...], mas a sua implementação tem se concentrado entre as bibliotecas acadêmicas e especializadas do Reino Unido e do Commonwealth. Pelo fato de ser o único sistema que apresenta uma classe principal dedicada à Assistência Social (Q – *Social Welfare*), a primeira edição, BC1, foi amplamente adotada por muitas bibliotecas especializadas em Assistência Social no Reino Unido (ANJOS, 2008, p. 216).

4.2.1. Classe P – Religião, Ocultismo, Moral e Ética

A classe P (Religião, Ocultismo, Moral e Ética) da 2ª edição da Bibliographic Classification é resultado de uma revisão da classe P (Religião e Ética) da BC1. Esta revisão foi realizada pela Bliss Classification Association, com a colaboração de Kenneth Bell e Derek Langridge. De acordo com a introdução ([19--]), a classe encontra-se dividida em quatro grupos de subclasses, coordenados entre si:

- Religião (P/PV) – nesse segmento são reunidos todos os assuntos relativos às características gerais de Religião e aos sistemas religiosos.
- Misticismo (PW) – esta classe é uma alternativa à classificação PBY. Esta separação foi criada pelo fato de o misticismo ser um aspecto relacionado tanto às religiões quanto ao ocultismo.
- Ocultismo (PX) – anteriormente subordinado à classe K – Folclore. Cobre assuntos relacionados a magia e esoterismo.
- Moral e Ética (PY) – classe anteriormente subordinada a Religião. Cobre assuntos relacionados com a ética e a moral da conduta humana, como os conceitos de bem e mal, certo e errado.

A estruturação da classe tem como base as seguintes facetas:

1. Sistemas religiosos, religiões e mitologias;
2. A prática da religião;
3. Agentes da prática religiosa (fenômenos do mundo natural, o homem e seus artefatos, fenômenos do mundo sobrenatural);
4. Teologia sistemática (doutrinas, conceitos, etc);
5. Perspectivas sob as quais cada assunto é analisado (teoria, filosofia, sociologia, etc);
6. Lugar;
7. Tempo;
8. Subdivisões comuns (por exemplo, informação sobre religião, formas de apresentação dessa informação).

Segundo Sayers, a tabela auxiliar 16 é uma das tabelas específicas e se destina a ser empregada na classe P. Esta tabela permite que “qualquer sistema religioso ou seita (na classe

P) possa ser mnemonicamente subdividido por tais considerações como: livros sagrados, ritual, lugares sagrados, sacerdócio, heresias, etc.” (SAYERS, 1962, p. 195, tradução nossa).

Ao final deste trabalho, apresentamos no anexo A um esboço da classe P, elaborado pela Bliss Classification Association, contendo as principais classes e subclasses.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Pye (2001, p. 12), “o estudo acadêmico das religiões e a atividade de cultivar boas relações e diálogo entre religiões, ou credos, compartilham um pressuposto profundamente importante, isto é, o reconhecimento de que a cultura humana de fato conhece uma pluralidade de religiões”. No entanto, para garantir o devido respeito à pluralidade religiosa, ao se realizar um estudo científico que envolva religiões, o pesquisador, independente de sua área do conhecimento, deve se manter imparcial, de modo a evitar que suas crenças e/ou ideologias se sobreponham ao objeto estudado e interfiram no resultado das pesquisas.

[...] podemos inferir que a religião pode, sem dúvidas, ser analisada segundo diferentes perspectivas (filosófica, teológica, psicológica, etc.). Todavia, sendo a cultura o objetivo específico e limitativo do próprio historiador, **quando a religião é objeto de pesquisa histórica não pode ser posta de lado sua observação, seu estudo e sua análise em função de uma determinada cultura** (AGNOLIN, 2013, p. 183, grifo nosso).

A afirmação supracitada pode ser igualmente aplicada sob as perspectivas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Da mesma forma que o bibliotecário, dentro do espaço da biblioteca, deve agir com neutralidade no tratamento da informação e atendimento aos usuários, também o bibliotecário pesquisador deve atuar de forma que suas descobertas não privilegiem apenas um determinado grupo que compartilhe de suas crenças. É com base nesses pressupostos que tecemos este estudo.

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Qualitativa, pois não foram empregadas técnicas estatísticas, de caráter descritivo, pois se destina a registrar e analisar um fato, porém sem manipulá-lo; e exploratório, por não haver muito conhecimento produzido sobre o tema (CERVO; BERVIAN, [20--?]; MORESI, 2003).

Para a construção do referencial teórico, iniciamos este estudo com uma pesquisa na literatura das áreas de Religião e de Organização e de Representação do Conhecimento, com ênfase nos esquemas de classificação. Primeiramente, buscamos identificar as principais religiões não cristãs existentes no mundo. Em seguida, analisamos os principais esquemas de organização e representação do conhecimento universais, com ênfase no esquema criado por Bliss. Foram consultados livros, periódicos, monografias, teses e dissertações. O resultado deste levantamento compõe as seções 2, 3 e 4 deste trabalho.

Em seguida, analisamos a classe P, da segunda edição do esquema, a BC2, levando em consideração as informações elencadas no referencial teórico. As religiões abordadas na seção 2 encontram-se localizadas no segmento P/PV. Destacamos, traduzimos e analisamos as subdivisões referentes às religiões não cristãs, em seguida comparamos os dados obtidos com as subdivisões referentes ao Cristianismo. Os resultados desta etapa são apresentados e discutidos na próxima seção.

6. ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Como resultado da análise da classe P, obtivemos os seguintes dados:

A cobertura para as religiões primais é superficial, considerando a informação existente sobre o assunto:

Quadro 2. Classificação das religiões primais

PGF. Religião primitiva
K. Animismo
M. Totemismo
P. Fetichismo

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

A cobertura para as religiões africanas retratada na tabela principal também é superficial. Entretanto, há um direcionamento para a tabela auxiliar 3A, a qual provavelmente possui informações para a classificação das religiões de origem africana:

Quadro 3. Classificação das religiões africanas

PHY K. Religiões africanas
<i>Adicionar a PHY K letras de A / Z seguindo H na tabela 3A - p. ex., Bantu PHY KN</i>
KZ. Vodou

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

O esquema cobre desde o Judaísmo antigo até as vertentes modernas:

Quadro 4. Classificação do Judaísmo

PL. Judaísmo	<i>Alternativa para PMC (de preferência) ou</i>
PLB K. Livros sagrados	<i>PHC Q</i>
<i>Para Bíblia ver PM</i>	PLJ. Fariseus
PLB G. Targums	PLK. Saduceus
M. Halakhah	
N. Haggadah	PLL. Zealots
P. Midrashim	PLM. Essênios
PJ. Midrashim tannaitic	PLN. Judaísmo Rabínico
PM. Midrash Rabá	PLO. Escolas Individuais A / Z
PO. Outros midrashim	PLP. Período medieval
Q. Mishná	PLP K. Karaites
R. Toseftah	M. Hasidim
S. Talmude	P. Zadoquitas
T. Baraita	R. Cabala
V. Gemara	T. Outro
W. Talmud Babli, Talmud babilônico	PLO. Judaísmo Moderno
X. Talmud Yerushalmi. Talmud palestino	PLR. Ortodoxo
Z. Adicionar a PLB letras Z L / Z seguinte PB	PLS. Ashkenazi
em PBL / PBZ	PLT. Sefardita
PLH. Judaísmo antigo, religião israelita	PLV. Reformado

PLV H. Conservador	PLX. Sionista
K. Reconstructionist	PLY. Samaritanismo
S. Reforma	PM. A Bíblia
PLW. Liberal	

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

As diversas correntes do Islamismo encontram-se representadas no esquema. No texto introdutório da classe P, consta que o assunto foi realocado de PK para PV, a fim de preservar a sequência cronológica proposta por Bliss:

Quadro 5. Redirecionamento para a classificação do Islamismo

PK. . . . Islã
<i>Alternativa para o local preferido do Islã no PV</i>

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Quadro 6. Classificação do Islamismo realocada

PV. . . . Islã	R. Karmathians
<i>Alternativa (preferencial) para PK</i>	PVS. Shaikhis
PVH. . . . Sunitas	PVS Q. Babis
PVI. Hanafiyahs	R. Azalis
PVJ. Shafi'iwahs	S. Bahais
PVK. Malakiyahs	PVT. Sufismo
PVL. Hanbaliyahs	PVU. Variações locais
PVL W. Wahabis	PVU P. Pérsia
PVM. Mutazzilites	Q. Mutasharis
PVN. Xiitas	R. Zahabis
PVO. Karijites	S. Ali Illabis
PVO I. Ibadis	T. Ordens Dervish
PVP. Zaedis	W. Mevlevis, dervixes dançantes
PVQ. Twelvers	PVW. Pan-Islamismo
PVQ I. Ithna 'Ashariya	PVX. Movimento Muçulmano Negro
M. Mutawalis	PVY. Outros sistemas religiosos, pós-islâmico
N. Nusairis	(A / Z)
PVR. Seveners, ismaelitis	<i>Ver também movimentos oculistas,</i>
PVR M. Assassinos	<i>sociedades, etc., PXW e a respectiva nota.</i>
N. Druidis	

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Com relação ao Zoroastrismo, a cobertura não é superficial, entretanto não é tão aprofundada. Falta, por exemplo, uma classificação para Ahura Mazda, a divindade suprema da religião:

Quadro 7. Classificação do Zoroastrismo

PHK. Zoroastrismo
PHK BK. Livros sagrados
C. Avestas

D.	Zend Avesta
E.	Vendidad
F.	Yasht
G.	Avesta Khorda (Khorda Avesta)
H.	Yasna
K.	Adicionar a PHK K letras L / Z seguindo PB em PBL / PBZ
L.	Adicionar a PHK L letras A / Z seguindo PC em PCA / PCZ
M.	Adicionar a PHK M letras A / Z seguindo PD em PDA / PDZ
N.	Adicionar a PHK N letras A / Z seguindo PE em PEA / PEZ
P.	Adicionar a PHK P letras A / Z seguindo PF em PFA / PFZ
Q.	Adicionar a PHK Q letras A / H seguindo PG no PGA / PGH
S.	Zarvanists
T.	Gayomarthians
V.	Saisaniya, Bihafidaya

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Como podemos observar, o Hinduísmo e o Budismo constituem umas das subclasses mais detalhadas:

Quadro 8. Classificação do Hinduísmo

PIL.	Neo-Bramanismo, Hinduísmo	K.	Kauli
PIL BK.	Livros sagrados	L.	Kanchulipanth
G.	Mahabharata	O.	Outros
D.	Bhagavad Gita	PIQ.	Vaisnava
E.	Ramayana	PIQ P.	Srisanpradayi, Ramanuji
F.	Puranas	R.	Ramanandi
G.	Tantras	S.	Brahmasampradayi, Madhvachari
K.	Adicionar a PIL K letras L / Z seguindo PB em PBL / PBZ	V.	Vallabhacharya, Gokulastua Gosain
L.	Adicionar a IPIL L letras A / Z seguindo PC em PCA / PCZ	PIR.	Seitas modernas
M.	Adicionar a PIL M letras A / Z seguindo PD em PDA / PDZ	PIR K.	Khumhipatia
N.	Adicionar a PIL N letras A / Z seguindo PE em PEA / PEZ	G.	Ramde Pir
P.	Adicionar a PIL P letras A / Z seguindo PF em PFA / PFZ	[Na cabeça de col. 2 na p.10, todas as seguintes são recuadas como se fossem subordinados a Ramde Pir. Pode ser isso correto?]	
Q.	Adicionar a PIL Q letras A / H seguindo PC no PGA / PGH	M.	Chetrami
PIM.	Sectarismo	N.	Narankaria, Nikalsaini
PIN.	Saiva	S.	Sikkhism
PIN K.	Aghori	T.	Thuggee
L.	Gosain	V.	Párias de Madras
M.	Lingayat	PIS.	Reconstructionist
S.	Sannyasi	PIS M.	Brahma Samaj
T.	Outros	N.	Arya Samaj
PIP.	Sakta	P.	Prarthana Samaj
PIP I.	Dakshinachari	V.	Nova Vedantism
J.	Varnachari	PIT.	Ramakrishna
		PIU.	Teosofia
		* Alternativa [preferido?] Para localizar em Occult PXX TH

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Quadro 9. Classificação do Budismo

PJ. Budismo	PJJ MI. Milindapanha
PJB K. Livros Sagrados	VI. Visuddhimagga
PJC. Cânon sânscrito	PJK. Adicionar a PJK letras L / Z seguindo
<i>Adicionar a PJC letras E / H seguindo PJ</i>	PB em PBL / PBZ
<i>em PJE / PJH com exceção das classes PJG H / PJG I</i>	PJL. Adicionar a PJL letras A / Z seguindo
<i>que são alterados do seguinte modo:</i>	PC em PCA / PCZ
PJC E. Tripitaka (cesta Trina)	PJM. Adicionar a PJM letras A / Z
F. Vinaya pitaka	seguindo PD em PDA / PDZ
G. Sutra pitaka	PJN. Adicionar a PJN letras A / Z seguindo
GJ. Prajnaparamita	PE em PEA / PEZ
GK. Ratnakuta	PJP. Adicionar a PJP letras A / Z seguindo
GM. Mahasamnipata	PF em PFA / PFZ
GN. Avatamsaka	PJQ. Adicionar a PJQ letras A / H
GP. Nirvana	seguindo PG em PGA / PGH
GS. Stotras	PJR. Hinayana, o veículo Lesser
GW. Dharanis	PJR J. Sainmitiya
H. Abhidharma pitaka	L. Sabbatthivadins
PJD. Cânon páli	N. Andhaka
PJE. Tipitaka (cesta Trina)	P. Maha-Sangika
PJF. Vinaya pitaka (Cesta de disciplina)	R. Theravada
PJF H. Suttavibhaṅga	PJS. Mahayana, O Grande Veículo
K. Khandhaka	PJS M. Madhayamaka
P. Parivara	V. Vijnanavadins
PJG. Sutta pitaka (Cesta de discursos)	X. Variações locais
PJG H. Quatro nikayas	PJT. Índia, Budismo Tântrico
J. Digha-nikaya	PJV. Tibete, Lamaísmo
K. Majjhima-nikaya	PJW. Japão
L. Samyutta-nikaya	PJW L. Escolas do período Nara
M. Anguttara-nikaya	N. Tendai
N. Khuddaka-nikaya	P. Shingon
P. Jataka	R. Kamakura seitas período
Q. Suttanipata	S. Jodo
R. Dhannapada	T. Shin
S. Theragatha	V. Zen
T. Therigatha	W. Nichiren
PJH. Abhidhamma pitaka (cesto da	X. Outro
metafísica)	PJX. China
PJH G. Vibhanga	PJX J. Ch'an
M. Dhammasangani	L. Homens de Chiao
N. Dhatukatha	N. Lu
P. Puggalapannatti	P. Ti'en T'ai
Q. Kathavatthu	R. Hsien Shon, Huayen
S. Yamaka	T. Tz'en, Fa Hsiang
Y. Literatura páli	V. Chin T'u
PJJ. Obras particulares, A / Z - p. ex.,	

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Identificamos uma cobertura superficial também para o Jainismo:

Quadro 10. Classificação do Jainismo

PIV. Jainismo
PIV J. Svetembaras
L. Sthanakavasi
O. Digambaras

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

A seguir, a classificação referente ao Confucionismo:

Quadro 11. Classificação do Confucionismo

PHT.	Confucionismo
PHT BK.	Livros sagrados
C.	Wu Ching (Cinco clássicos)
D.	I ching (Clássico das mudanças)
E.	Shih ching (Clássico da poesia)
F.	Shu Ching (Clássico da história)
G.	Li chi (Recolha de ritual)
H.	Ch'un Ch'iu (Anais de Primavera e Outono)
J.	Lun Y (conversas)
K.	Adicionar a PHT K letras L / Z seguindo PB em PBL / PBZ
L.	Adicionar a PHT L letras A / Z seguindo PC em PCA / PCZ
M.	Adicionar a PHT M letras A / Z seguindo PD em PDA / PDZ
N.	Adicionar a PHT N letras A / Z seguindo PE em PEA / PEZ
P.	Adicionar a PHT P letras A / Z seguindo PF em PEA / PEZ
Q.	Adicionar a PHT Q letras A / H seguindo PG em PGA / PGH

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Em sequência, temos a classificação do Taoísmo:

Quadro 12. Classificação do Taoísmo

PHR.	Taoísmo
PHR BK.	Livros sagrados
C.	Lao-tzu
D.	Yang-chu
E.	Chuang-tzu
F.	Huai-nan-tzu
L.	Lieh-tzu
K.	Adicionar a PHR K letras L / Z seguindo PB em PBL / PBZ
G.	Adicionar a PHR G letras A / Z seguindo PC em PCA / PCZ
M.	Adicionar a PHR M letras A / Z seguindo PD em PDA / PDZ
N.	Adicionar a PHR N letras A / Z seguindo PE em PEA / PEZ
P.	Adicionar a PHR P letras A / Z seguindo PF em PFA / PFZ
Q.	Adicionar a PHR Q letras A / H seguindo PG em PGA / PGH

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

E por último, a classificação do Xintoísmo, também pouco detalhada:

Quadro 13. Classificação do Xintoísmo

PHW.	Shinto [Xintoísmo]
PHW J.	Shinri
K.	Tenri
L.	Taisha
M.	Kurozumi
O.	Bushido

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf

Os principais desvios identificados foram a breve cobertura para religiões primitivas, religiões africanas, Jainismo e Xintoísmo, e a inexistência de representação para as religiões afro-brasileiras, o Sikhismo e a Religião Popular Chinesa.

As subclasses referentes ao Cristianismo e à Bíblia cristã são demasiadamente detalhadas, especialmente as notações destinadas ao Catolicismo, como mostra o anexo B. Entretanto, cabe ressaltar que um dos motivos para a realocação da classificação do Islamismo, além da manutenção da ordem cronológica de Bliss, foi uma estratégia para diminuir os desvios que favorecem o Cristianismo, demonstrando a preocupação dos revisores.

Há um aspecto que talvez possa interferir nos resultados da pesquisa. Em várias notações da classe P há notas para o uso de tabelas auxiliares, porém em nenhum momento foi possível acessar, pela Bliss Classification Association, as tabelas auxiliares do esquema, tanto as de uso geral como as específicas de determinadas classes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto aos objetivos, geral e específicos, propostos pela pesquisa, podemos afirmar que os mesmos foram atendidos, talvez até superando algumas expectativas iniciais. Por mais que a BC2 tenha demonstrado traços de tendenciosidade, sua cobertura para as religiões não cristãs é razoavelmente boa em comparação a outros esquemas de classificação, como por exemplo, a CDD.

Uma possível estratégia para diminuir os desvios na organização e representação do conhecimento em religiões identificados tanto na BC2 como em outros esquemas seria a construção de um SOC elaborado por profissionais de biblioteconomia com a participação de líderes religiosos e profissionais da ciência da religião.

Na literatura científica em língua portuguesa existe pouco material sobre Bliss e a BC2, porém encontramos a maioria dos textos em língua inglesa. O que revela que no Brasil, ainda há poucos estudos sobre o assunto.

Este trabalho traz contribuições tanto para a Biblioteconomia e Ciência da Informação como para os estudos sobre Religião. Para Biblioteconomia e Ciência da Informação, nos traz uma importante reflexão acerca da multidisciplinaridade e multiculturalidade dos sistemas de organização do conhecimento, além de trazer um enfoque para Bliss e sua classificação, pouco estudados no Brasil. Para o campo da Religião, demonstra valorização da pluralidade religiosa e preocupação com o respeito às religiões, cristãs e não cristãs.

Esperamos que este trabalho possa ser utilizado como ponto de partida para outros estudos, tanto em Organização e Representação do Conhecimento quanto em outras áreas da Biblioteconomia, visto que a informação produzida pelos sistemas religiosos pode ser analisada sob diferentes aspectos.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, A. **História das religiões: perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2013.

ANJOS, L. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta**. 291 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-10112010-114437/pt-br.php>>. Acesso em: 8 jun 2015.

ARAÚJO, C. A. A. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 22, 2º sem. 2006. p. 117-138. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/296/368>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

BARBOSA, M. A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro, IBBD, 1969.

BROUGHTON, Vanda. A new classification for the literature of religion. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 66. Jerusalém, 2000. [**Trabalhos apresentados**]. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/IV/ifla66/papers/034-130e.htm>>. Acesso em 14 nov. 2014.

CAFÉ, L. M. A.; SALES, R. organização da informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (orgs). **Passeios no bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília: IBICT, 2010. cap 6, p. 115-129. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CAIXEIRO, A. L. O diálogo religioso e as novas configurações religiosas. **Sacrilegens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião**. Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 4-14, jul-dez 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-2.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2015.

CAMPBELL, D. J. A short biography of Henry Evelyn Bliss (1870-1955). In: OVERALL introduction to the scheme. [S. L]: Bliss Classification Association, [1976]. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.blissclassification.org.uk/Class1/introduction.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

CARLAN, E. **Sistemas de Organização do Conhecimento: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/7465>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

CARLAN, E.; BRÄSCHER, M. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 53-73, ago./dez. 2011. Artigo decorrente da dissertação de mestrado: “Sistemas

de Organização do Conhecimento: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação”, de Eliana Carlan sob a orientação da Dra. Marisa Bräscher, Universidade de Brasília, Fev. de 2010. Disponível em:
<http://btd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=5381>. Acesso em: 10 jun. 2015.

CENTRO RAMAKRISHNA VEDANTA. **Síntese do Hinduísmo**. Belo Horizonte: [s. n., 20--?]. Disponível em: <<http://www.vedantabh.org.br/sintessedohinduismo.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Pesquisa: conceitos e definições. In: **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, [20--?]. cap. 5, p.57-70.

CORDEIRO, A. L. M. Taoismo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês. **Sacrilegens**: Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião [da] UFJF. Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 4-11, 2009. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2010/04/6-2.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1972, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT/ABDF, 1979. v. 1, p.352-370 Disponível em:
<http://www.conexaorio.com/bitidahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>. Acesso em: 14 nov. 2014.

DINIZ, A. M. A. Surgimento e dispersão do Budismo no mundo. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 89-105, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3546/2467>>. Acesso em: 28 maio 2015.

ELIADE, M.; COULIANO; I. P. **Dicionário das religiões**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ESPÍRITO SANTO, I. **O movimento da classificação facetada**: fundamentação teórica no decorrer dos anos. 64 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8615/6/2014_IasminedoEspiritoSanto.pdf>. Acesso em: 8 jun 2015.

EVARISTO, M. L. I. O útero Pulsante no candomblé: a construção da “afroreligiosidade” brasileira. **Sacrilegens**: Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião [da] UFJF. Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 35-55, jan-jun 2012. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2012/04/9-1-4.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2015

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. Tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Disponível em:
<<http://ir.nmu.org.ua/bitstream/handle/123456789/143146/99c47c08f92d99f1794d7bf298846a7d.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 maio 2015.

GOMES, H. E. Tendências de pesquisa em organização do conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 60-88, jan./dez. 2009. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=6974>. Acesso em: 8 nov. 2014.

INTRODUCTION to class P Religion, The Occult, Morals and Ethics. [S. l.]: Bliss Classification Association, [19--]. Disponível em: <http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_intro.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2014.

KAULA, P. N. Repensando os conceitos no estudo da classificação. In: CONFERÊNCIA SOBRE PESQUISA EM CLASSIFICAÇÃO, 4., Augsburg, 1982. [**Trabalhos apresentados**]. Augsburg: [s. n.], 1982. Disponível em: <<http://www.conexaoario.com/bitit/kaula/>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, L. (org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. cap. 1, p. 21-34. Disponível em: <<http://www.b4editores.com.br/images/capitulos/organizacao-da-informacao-e-do-conhecimento-cap-ok.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MARÍN GUZMÁN, R. El Jainismo: doctrina heterodoxa de la India. Estudio sobre su contribución al desarrollo religioso y cultural de la India. **Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey**. Monterrey, n. 11, p. 137-151 (parte A), 2011. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/384/38401110.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

MILANI, S. O. et al. Os desvios na representação do conhecimento em um contexto multicultural: abordagens teóricas. In: CONGRESSO ISKO-ESPANHA, 9., 2009, Valencia. [**Anais**]... Valencia: ISKO, 2009. p. 204-218. Disponível em: <http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/180-190_Oliveira-Milani.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2015.

MIRANDA, M. L. C. et al. Organização e representação do conhecimento em religiões yorubanas na Library of Congress Subject Headings. In: GUIMARÃES, J.A.C.; DODEBEI, V (orgs.). **Desafios e perspectivas científicas em organização e representação do conhecimento**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2012. p. 153-159. (Estudos avançados em Organização do Conhecimento, v. 1). Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

MIRANDA, M. L. C.; OLIVEIRA, J. X.; PARANHOS, J. P. B. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas na CDD e na CDU. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Maceió. **Trabalhos técnico-científicos**. Maceió: FEBAB, 2011. 18p.

MORESI, E. (org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília, DF: UCB, 2003.

ORTIZ, R. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, out. p. 59-75, out 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7720.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

PAULA, C. M. **Análise da representação do Budismo Mahayana na Classificação Decimal Universal**. 99f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, E. N. et al. Classificação bibliográfica: as diversas contribuições para o tratamento da informação. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 15., 2009, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/1/6173>>. Acesso em: 6 nov. 2014

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221p.

PINHEIRO, M. M. S. Experiência religiosa e garantia da crença na existência de Deus em Alvim Plantinga. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 93-110, 2006. Disponível em: <<http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/690/589>>. Acesso em: 8 maio 2015.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento**: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93693/pinho_fa_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 nov. 2014.

PYE, M. Refletindo sobre a pluralidade de Religiões. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 11-31, 2001. Disponível em: <<http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/829/713>>. Acesso em: 8 maio 2015.

SANTOS, C. A. C. M. ; MAZINI, E. S. Organização do conhecimento: das classificações e vocabulários controlados às taxonomias e ontologias na web. In: Valls, V. M; Vergueiro, W. (Org.). **Tendências contemporâneas na gestão da informação**. São Paulo: Ed. Sociologia e Política, 2011. p. 125-142. Disponível em: <<https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/organizac3a7c3a3o-do-conhecimento-das-classificac3a7c3b5es-e-vocabulc3a1rios-controlados-c3a0s-taxonomias-e-ontologias-na-web.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

SAYERS, W. C. B. The Bibliographic Classification of Henry Evelyn Bliss. In: _____. **A manual of classification for librarians and bibliographers**. 3. ed. London: A. Deutsch, 1962.

SOARES, D. O. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. **Revista Theos**: Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas 6. ed., Campinas, v. 5, n. 2, p. 1-24, dez 2009. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_06_2_02.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2015.

SOUZA, R. F. Organização e representação de áreas do conhecimento em ciência e tecnologia: princípios de agregação em grandes áreas segundo diferentes contextos de

produção e uso de informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., p. 2-41, 1º sem. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/1518-2924.2006v11nesp1p27/384>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

VIEIRA, A. S. Caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários. **Revista da Escola de Biblioteconomia [da] UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 250-263, set. 1983.

WILKINSON, P. **Guia ilustrado Zahar**: religiões. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

THE BLISS Bibliographic Classification: schedules. [S. l.]: Bliss Classification Association, [19--]. Disponível em: <<http://www.blissclassification.org.uk/bcsched.shtml>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

ANEXO A – ESBOÇO DA CLASSE P

P RELIGION

* *Alternative* is to locate at Z

P2/3	Common subdivisions (form)
P4/6	Common subdivisions (subject)
P6P	Comparative religion
	* <i>Alternative</i> is PG6 P
P7	History
P8	By Place
P9	Biography
PA7	Principles and theory of religion
PAA	Philosophy of religion
PAK A	Sociology of religion

PB SYSTEMATIC THEOLOGY

PBB	Evidences and bases of religion
PBC	Natural theology
PBF	Revealed theology
PBG	Manifestation of God
PBJ	Scriptural revelation
PBK	Sacred books
PBL	Myths and mythology
PBN	Religious law, codes
PBO	Doctrinal theology, doctrine, dogma
PBO F	Nature of God
PBR W	Nature of the world
PBS	Nature of the supernatural world
PBU	Nature of man
PBW	Religious experience
PBY	Mysticism
	* <i>Alternative</i> is PW

PC Moral theology, ethics

PD PRACTICE OF RELIGION, WORSHIP

	(Agents)
PDE	Natural world
PDH	Persons, Man
PDL	Supernatural world
PDO Y	Artefacts
PDP	Religious art
PDX	Literature and rhetoric (non-scriptural)
	(Activities)
PEB	By characteristics of Time
PED	By person or group for whom designed
PED Y	Formal devotional activities
PER	Rites, ritual
PEW	Non-formal practice, Devotional religion

PE	RELIGIOUS SYSTEMS
PFB	Institutions, ecclesiology
PFB OY	Agents: Artefacts, personnel
PEP	Organisation, administration, government
PFK	Activities: External relations, pastoral work
PPS	Religious orders
PET	Movements, schools of thought
PFV	Heresies, schisms
PFX	Sects
PG	RELIGIONS AND MYTHOLOGIES
PGB L	By form of belief (e.g., polytheistic)
PGJ	Ancient, dead religions
PGM	European
PCX	Egyptian
PGZ	Asiatic
PHZ	Modern religion
PI	Hinduism
PJ	Buddhism
PL	Judaism
PM	The Bible
PM2	Texts
PMN	Study, criticism, history
PN	Christianity
PNB	Christology
PND/PNX	Theology, practice, ecclesiology
PO	Christian Church
POH	Post-Apostolic to Reformation
POV	Reformation
POW	Post-Reformation
POZ	By place (as Schedule 2) (By church)
PPA	Patriarchates and Eastern churches
PQZ	Western Churches
PR	Roman Catholicism
PS	Anglicanism
PT	Protestantism
PU	Other
PUY	Ecumenical movement
PV	Islam
	* Alternative retained for this at PK
PVY	Other (post-Islamic) religions, A/Z

PW MYSTICISM

* Alternative to subordinating to Religion at PBY

* This is an inverted schedule and the filing order of facets and arrays is the reverse of their citation order.

* Compound classes are built by retroactive synthesis; e.g.

Jewish prayers of lamentation = Judaism - Prayer - Lamentation PLE TEQ W

Islamic funeral rites = Islam - Funeral rites PVE NR

The place of asceticism in Hindu doctrine = Hinduism - Asceticism PIL EX

* For outlines of PX Occult and PY Morals and ethics, see next page.

PX THE OCCULT

* *Alternative* is to locate at ZX

PX6 C Research, paranormal psychology (PSI)

**Alternative* (preferred) is to collocate with Psychology in I

PX6 P Extrasensory perception (ESP)

PX6 V Psychokinesis (PK)

PXA A Philosophy of the Occult

PXB Practice of the Occult

PXB M Ritual

(Agencies and functions)

* *Alternative* is to subordinate function to agency in selected cases (e.g.

Astrology - Fortune telling PXF PM)

(Agencies)

PXC Events, general processes (e.g., Thunderstorms)

PXD Numbers, numerology

PXE Substances, alchemy

PXF Heavenly bodies, astrology

PXG Human body (physiognomy, phrenology, palmistry)

PXJ Disembodied persons, spirits, spiritualism

PXJ K Autocommunication, telekinesis, hauntings

PXK Other spirits, supernatural beings

PXL Artefacts (cards, etc.)

PXM Other

(Functions)

PXN P Communications: ESP, etc.

* *Alternative* is to locate all research at PX6

PXP Divination, mantic arts, prediction

(By agency)

PXP N Augury, sortilege, crystallo-mancy ...

PXQ Magic

PXR Witchcraft and sorcery

PXS Demonology

PXS X Necromancy

PXV Writers and writings on the Occult

* Quasi-scriptures of the Occult; some are parts of religious

scriptures (e.g. Tantras)

PXV A/Z Individual writers and writings, A/Z, e.g.

PXV HE Hermes Trismegistus, Hermetics

IC I Ching

PXW Movements, societies, etc.

* *Alternative* in some cases (e.g., Anthroposophy) is to subordinate

to Religion

PXW B Secret societies

PY MORALS AND ETHICS

* *Alternative* is to locate at ZY

PYA Moral philosophy

PYA E Viewpoints, schools, theories

F	Rationalism
JK	Utilitarianism
PYB I	Philosophy of action
O	Freewill and determination
	(Specific problems, concepts in moral behaviour)
	* An <i>alternative</i> to the collection of these at PYM/PYN is to subordinate them to the special disciplinary treatments below (PYC/PYL)
PYC	Philosophical treatment (Special philosophical studies in morals)
PYG W	Political philosophy
PYH	Psychological concepts in morals and ethics
PYH CS	Developmental psychology
CT	Differential psychology
PYK	Sociological concepts in morals and ethics
PYK CL	Social interaction, relationships
E	Socialisation, the Self, role
PYL	(Other disciplinary treatments)
PYL P	Religion
PC	Moral theology
PYM	Moral behaviour, morality
PYM C	Nature, definition, logic of morals
F	Moral thinking, cognition, judgement
J	Moral values, principles, rules
LS	Moral order, standards, codes
O	Moral concepts, ideas
P	Good and evil
Q	Right and wrong
W	Authority
X	Religious authority
PYN B	Social sanction, control
E	Conscience
N	Duty and interest
O	Comprehension of moral judgements
V	Anti-social behaviour
PYO B	Applied, descriptive morals and ethics
E	Recipients or moral actions (humans ...animals ...)
N	Special contexts (happiness, unhappiness ...success, failure ...)
PYP B	Virtues and vices
PYS E	Fields of moral action
D	Social and private morality
H	By person (as subject of action, not recipient)
PYT	By occupation, activity
	* Divided like whole classification

* Each of the two schedules is inverted and the filing order of facets and arrays is the reverse of their citation order.

* Compound classes are built (except, sometimes, in the case of alternatives) by retroactive synthesis; e.g.

Ritual practices in witchcraft = Occult - Witchcraft - Ritual PXR BM
The moral development of children = Morality - Children - Psychology - Development
PYS SHC S

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_outline.pdf

ANEXO B – CLASSIFICAÇÃO DO CRISTIANISMO

- PN Christianity
 * The normal retroactive principle for building classmarks is interrupted in PN to provide for special expansions, especially of Christology PNB and the practice of the Christian religion PNF/PNG. The overall order, however, remains consistent with that of PB/PD.
- PNA Theology (general)
 Add to PNA letters A/Y following PA in PAA/PAY
- PNA Z Systematic theology
 Add to PNA Z letters A/H following PB in PBA/PBH e.g., Anthropomorphism
 PNA ZH
- PNB Incarnation : Christology
- PNB B Person of Christ
- BH Historicity, Historical Jesus
- BJ Names of Christ
- BK Nature of Christ
- BL Humanity
- BM Divinity
- CB Activities of Christ
- CD Offices of Christ
- CF As High Priest
- CH As Messiah
- CK As Son of God
- CM As Word of God
- CO Reconciliation
- CQ Intercession
- CR Redemption
- CS Atonement
- CT Suffering
- CV Vicarious suffering
- D Special Christologies, e.g. Kenotic Christology
- E Life of Christ, The New Testament Story
- EJ Annunciation
- F Nativity and childhood
- G Baptism
- HG Public Ministry
- HH Sayings
- HJ Discourses and sermons
- HL Parables
- HM Miracles
- J The Passion
- K Trial
- L Crucifixion, Death of Christ
- N Resurrection
- P Ascension
- R The Holy Family
- S Virgin Mary, Mariology
- T John, the Baptist
- U The Disciples, The Apostles
- V Pentecost

- W Holy Spirit, Holy Ghost
 See also Pneumatology PBI W
- X Paul
- Y The Pauline Missions
 (Scriptural revelation and Scriptures) See Bible PM
- PND Religious law, codes
- PND O/V Doctrinal theology, doctrines
 Add to PND letters O/V following PB in PBO/PBV - e.g. Grace PND VG;
 The Second Coming, Parousia
- PND TV [suggested addition - Tony 1999]
- PND W/Z Religious experience and religious faith
 Add to PND letters W/Z following PB in PBW/PBZ - e.g. Mysticism
- PND Y
- PNE Moral theology, ethics
 Add to PNE letters A/Z following PC in PCA/PCZ
- PNF Practice of religion, Devotional religion
 Add to PNF letters B/Y following PD in PDB/PDY
- PNG Devotional activities, ritual
 Add to PNG letters B/Y following PE in PEB/PEY, with the following
 additions and amendments:
- PNG C Holy days, church year
- CF Sabbath
- CFS Sunday
- CFT Observance
- CG Feasts
- CH Festivals
- CJ Fasts
- CK Vigils
- CL Advent
- CM Christmas, Feast of the Nativity
- CN Lent
- CO Holy Week and Easter
- CP Good Friday
- CQ Easter Sunday
- CR Ascension
- CS Pentecost, Whit Sunday
- CT Trinity Sunday
- CU Corpus Christi, F.te-Dieu
- CV Saints' days
- CW All Souls
- CX Others, A/Z
- CY Other holy days, A/Z (e.g. Annunciation)
- DY Formal devotions
- R Rites, ritual and liturgy
- RQ Sacraments
- RR Baptism
- RS Confirmation
- RT Eucharist, Holy Communion, Lord's supper
- RU Repentance, penance

- RUH Contrition
- RUK Confession
- RUL Satisfaction
- RUN Absolution
- RUP Indulgences
- RV Anointing of sick, extreme unction, viaticum
- RW Holy orders, ordination
- RX Matrimony
- RY Other
- T Prayer
- VH (In relation to special persons, etc.)
- VJ Lord's prayer
- VK To Mary
- VL Ave Maria, Hail Mary
- VM Rosary
- VN To saints, A/Z
- VP To others, A/Z
- VQ (In relation to other special subjects)
 - Add to PNG VQ letters A/Z - e.g. Sacred heart PNG VQS
- PNH Institutions, ecclesiology, the Church
 - See also Church history PO
 - Add to PNH letters A/J following PP in PFA/PFJ
 - Add to PN letters K/X following PF in PFK/PFX. A selection of classmarks is given below. [1982]
- PNH C Personnel
 - DQ Ministry, clergy
 - EL Laity
 - F Organisation & administration
 - FK Government
 - (Parts of organisation)
- PNK C Synod, assembly
 - (Activities, functions)
 - Q External relations
 - S With the State
- PNL With other systems, churches
 - Add to PNL letters G/Y following P in PG/PY
- PNM Persecution (of and by)
- PNN With society
- PNO Pastoral work
- PNR Missionary work
 - (Subsystems)
- PNS Religious orders
- PNT Movements, schools of thought
- PNV Heresies, schisms
- PNX Sects
- PO History of the Church
 - * For the Post-Apostolic to the Reformation, Period is the primary facet. For the Post-Reformation period, citation order is: Church or Sect - Place - Period
 - * In order to shorten notation, the application of retroactive synthesis is modified as follows (where PO- represents any given period):
 - PO-A/D Add to PO- letters A/DW following P in PA/PDW
 - E Non-scriptural literature

Add to PO-E letters D/S following PDX in PDX D/PDX S

- F Works about non-scriptural literature
- G Individual writers
- H Religious activities
Add to PO-H letters B/Z following PE in PEB/PEZ
- J Ecclesiology
Add to PO-J letters B/J following PF in PFB/PFJ
Add to PO- letters K/Y following PF in PFK/PFY (of which the following is a selection):
- KE Councils
- KK Subordinate groups
[corrected from -KH. See examples using KH/KJ for Councils in POR/POT below (Tony 1999)]
- KQ External relations
- M Persecutions
- N Relations to society
- O Pastoral work
- R Missionary work
- S Religious orders
- T Movements, schools of thought
- V Heresies, schisms
- X Sects
- Y Non-conformity

* A limited amount of enumeration below exemplifies the application of this modified notation

- POH Post-Apostolic period to Reformation
- POJ Post-apostolic period to 325 AD
- POL First and Second centuries
- POL E Patristic literature
 - EH Early Christian creeds
 - G Individual writings, A/Z - e.g.
 - GC Clement of Rome
 - GI Irenaeus
 - GP Polycarp
 - M Persecutions of the Church, A/Z
 - MN Neronic persecution
 - V Heresies and schisms
 - W Individual heresies A/Z
 - WE Ebionites
 - WG Gnostics
 - WMA Marcionites
 - WMO Montanists
 - WV Valentinians
- POM Third Century
- POM E Christian writings
 - G Individual writings, A/Z e.g.
 - GC Clement of Alexandria
 - GO Origen
 - GT Tertullian
 - V Heresies and schisms
 - W Individual heresies A/Z
 - WMA Manichees

WMO Monarchians
 WN Novatians
 WS Sabellians
 PON Fourth Century (to 325 AD)
 PON E Christian writings
 G Individual writings, A/Z e.g.
 GL Lactantius
 KE Councils
 KF Arles 314
 POO Period of the Ecumenical Councils 325~-787
 POP Fourth Century (from 325 AD)
 POP DK Emperors
 DLC Constantine
 DLT Theodosius
 E Christian writings
 G Individual writings, A/z, e.g.
 GA Athanasius
 GE Eusebius
 KE Councils
 KF Nicea 325 AD
 KG Constantinople
 M Persecutions
 MD Diocletian's persecution
 V Heresies and schisms
 W Individual heresies A/Z
 WAP Apollinarians
 WAR Arians
 WD Donatists
 WM Melitians
 POQ Fifth Century
 POQ E Christian writings
 G Individual writings, A/Z, e.g.
 GA Augustine
 KE Councils
 KF Ephesus 431 AD
 KG Chalcedon 451 AD
 V Heresies and schisms
 W Individual heresies A/Z
 WM Monophysites
 WN Nestorians
 WP Pelagians
 POR Sixth - Ninth Centuries
 POR KE Councils
 KF Constantinople 553 AD
 KG Constantinople 680 AD
 KH Nicea 787 AD
 KJ Constantinople 869 AD
 V Heresies and schisms
 W Individual heresies A/Z
 WM Monothelites
 WP Schism of Photius 867
 POT Medieval period to the Reformation

- POT KE Councils
- KF Lateran I 1123 AD
 - KG Lateran II 1139 AD
 - KHB Lateran III 1179 AD
 - KHD Lateran IV 1215 AD
 - KHF Council of Lyons 1245 AD
 - KHL 2nd Council of Lyons 1274 AD
 - KHN Vienne 1311 AD
 - KHP Constance 1414 AD
 - KHR Basel and Ferrara-Florence 1431 AD
 - KHT Lateran V 1512 AD
 - KJ Trent 1545 AD
 - M Persecution by the Church
 - MI The Inquisition
 - V Heresies and schisms
 - WC The Great Western Schism
- POV The Reformation
- POW Post-Reformation
- * Except for general works, the history of the Church after the Reformation will usually be subordinated to particular denominations
 - Add to POW letters B/Y from Schedule 4 (periods)
 - (By place)
- POZ Christianity and the Christian Church in individual countries
- * Alternative (preferred) to locating it under History L/O
 - Add to POZ letters A/Z from Schedule 2
 - (By church)
- PPA Patriarchates and Eastern Churches [from Outline]
- PPB Ancient Patriarchates
- (Rome) see Roman Catholic Church PR
- PPC Constantinople
- PPD Alexandria
- PPE Antioch
- PPF Jerusalem
- PPF Z Eastern Churches
- PPG Orthodox
- PPH Russian orthodox
- PPI Rumanian orthodox
- PPJ Yugoslavian orthodox [Serbian ?]
- PPM Greek orthodox
- PPQ National, autonomous orthodox churches
- Add to PPQ letters A/Z from Schedule 2
- PQ Separated Eastern Churches
- PQA Add to PQA letters A/G following P in PA/PG
- PQB Nestorian
- PQB Y Assyrian
- PQC Malabare'se (to 1600 AD)
- PQD Monophysite
- PQE Armenian rite
- PQF Alexandrian rite
- PQF H Coptic
- K Syrian orthodox, Jacobite
 - M Abyssinian

PQG	Antiochene rite
PQG K	West Syrian
M	Malabarese
PQH	Uniate Churches
	* These preserve the rites of the Orthodox and Separated Churches but acknowledge Rome
PQI	Orthodox, Byzantine rite
PQI M	Melkites
PQJ	Others
 Add to PQJ letters A/Z from Schedule 2
PQK	Nestorian, Chaldean rite
PQK K	Assyrian
O	Malabarese
PQM	Monophysite, Eutychian
PQN	Armenian rite
PQS	Alexandrian rite
PQS H	Coptic
M	Abyssinian
PQT	Antiochene rite
PQT K	Syrian
O	Malankarese
Q	Maronites
PQZ	Western Churches
PR	Roman Catholicism
PRF B	Ecclesiology, institutions
	* This is a special adaptation of the Ecclesiology facet (PF) as applied to the Roman Catholic Church
C	Personnel
F	Organisation and administration
FK	Government
 (Special to Roman Catholicism)
HH	Pontiff
HJ	Episcopal College
HK	Curia Romana
HL	Congregations
HM	Doctrine
HN	Consistorial
HO	Sacraments
HP	Council
HQ	Religions
HR	Propagation of the Faith
HS	Sacred Rites
HT	Ceremonial
HV	Extraordinary Ecclesiastical Affairs
HW	Seminaries and Universities
HX	Oriental church
JB	Tribunals
JC	Sacred Penitentiary
JD	Sacred Roman Rota
JE	Apostolic Signatura
JG	Offices
JH	Extraordinary Ecclesiastical Affairs

- JJ Apostolic Cancellaria
 JK Apostolic Dataria
 JL Apostolic Camera
 JM Secretaries of Briefs
- K (Parts of the Roman Catholic Church)
 (Activities)
- KQ External relations
 O Pastoral work
 (Sub systems)
- S Religious orders
 SJ Monastic orders
 SK Individual orders, A/Z - e.g.
 SKA U Augustinians
 SKB E Benedictines
 SKC A Carthusians
 SL Mendicant orders
 SM Individual orders, A/Z - e.g.
 SMC A Carmelites
 SMD O Dominicans
 SMF R Franciscans
 SN Religious orders for women
 SO Individual orders, A/Z - e.g.
 SOC A Carmelites
 SOS I Sisters of Mercy
 SOU R Ursulines
 SR Militant religious orders
 SS Individual orders, A/Z - e.g.
 SSK S Knights of St. John of Jerusalem
 SSK T Knights Templars
- T Movements, schools of thought
- PRK Heresies, schisms
 PRL Lollards, Wycliffites
 PRM Hussites
 PRN Gallicans
 PRO Jansenists
 PRQ Febrionists
 PRR Other
- PRT Non-conformity
 PS Anglicanism
 PSA Add to PSA letters A/G following P in PA/PG - e.g. Movements, schools
 of thought PSA FT
 (By country)
 Add to PS letters D/Z from Schedule 2 - e.g.
- PSE British Isles
 B England, Church of England [suggestion 1999]
 PSE R Wales, Church in Wales [suggestion 1999]
 S Scotland, Episcopal Church in Scotland [suggestion 1999]
 V Ireland, Church of Ireland [suggestion 1999]
 PSQ A India

PSU A	Australia, Anglican Church of Australia [suggestion 1999]
	V New Zealand, Church of the Province of New Zealand [suggestion 1999]
PSX	America
PSX C	Canada, Anglican Church of Canada [suggestion 1999]
PSY	USA, Protestant Episcopal Church
PT	Protestantism
PTB	Lutheran and Evangelical Churches
PTB M	Moravians, United Brethren
	O Others A/Z
PTC	Calvinists
PTC W	Waldensians, Albigenses
	X Huguenots
PTD	Presbyterians
PTO R	Reformed churches
PIE	Church of Scotland
PTF	Swiss churches
PTG	Dutch Reformed Church
PTJ	Other national churches
	 Add to PTJ letters DJZ from Schedule 2
PTM	Congregationalists
PIN	Unitarians
PTO	Universalists
PTO R	Doweism, Christian Catholic Apostolic Church
	S Dukhobors
PTP	United Reformed Church
PTQ	Methodists
PTR	Calvinistic Methodists
PTS	Wesleyans
PTS P	Primitive Methodists
	U United Methodists
PTT	Methodist Episcopal churches
PTT O	Others A/Z
PTU	Baptists
PTV	Anabaptists
PTW	Mennonites, Swiss Brethren
PTX	Russelites
PTZ	Others A/Z - e.g. PTZ R River Brethren
	 Other Christian churches
PUC	Christian Scientists
PUF	Society of Friends, Quakers
PUF H	Hicksites
	W Wilburites
PUG	Others A/Z
PUH	Shakers, Millennial Church
PUI	Adventists
PUI S	Second Adventists, Millerites
PUJ	Seventh Day Adventists
PUK	Christadelphians
PUM	Mormons
PUM M	Muckers
	U Muggletonians

- PUQ Swedenborgianism, Church of the New Jerusalem
 PUS Spiritualist churches
 See also Spiritualism PGE S
 PUV Catholic Apostolic Church, Irvingites
 PUW Church of the Nazarene
 PUX Others A/Z
 PUX AG Agapemonites
 AM Amana Society
 FO Four Square Gospel
 JH Jehovah's Witnesses
 JZ Jezreelites
 PC Peculiar people, Plumstead Peculiars
 PE Pentecostal Assemblies
 PH Pentecostal Holiness Church
 PL Pillar of Fire
 PM Plymouth Brethren, Darbyites
 SA Salvation Army
 SO Southcottians
 TH Theistic Church
 UN United Brethren in Christ

 PTJ Y Ecumenical Movement
 See also Christian Unity PNH FH

Fonte: http://www.blissclassification.org.uk/ClassP/P_sched.pdf